

COMEMORATIVO AO 97° ANIVERSÁRIO DA AEL

# Revista da Academia Espírito-santense de Letras



Vitória (ES) v. 22 - 2018

#### ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS

Francisco Aurelio Ribeiro (Presidente) Ester Abreu Vieira de Oliveira (1º Vice-Presidente) Matusalém Dias de Moura (1º Secretário) Anaximandro Oliveira S. Amorim (1º Tesoureiro)

-----

#### CONSELHO EDITORIAL

Adilson Vilaça • Ester Abreu Vieira de Oliveira • Francisco Aurelio Ribeiro Elizete Terezinha Caser Rocha • Getúlio Marcos Pereira Neves

-----

ORGANIZAÇÃO E REVISÃO: Francisco Aurelio Ribeiro CAPA e EDITORAÇÃO: Douglas Ramalho IMPRESSÃO: Gráfica e Editora Formar

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) pela Gestão.Info Consultoria www.gestaoinfo.com.br

Revista da Academia Espírito-santense de Letras / Academia Espírito-santense de Letras. – Vol I. (1998) - . – Vitória : A Academia, 1998- . v.: il.

ISSN 2176-6517 Anual

I. Literatura - Periódicos. 2.1. Academia Espírito-santense de Letras

CDD 800

# Sumário

Apresentação5
Adilson Vilaça Alguma reminiscência7
<b>Álvaro José Silva</b> Resposta Adequada13
Anaximandro Oliveira Santos Amorim Tavares Bastos: o embaixador da poesia brasileira16
Carlos Nejar Soneto da Piedade22
Denise Moraes A Fossa e a saudosa cantora Capixaba Waleska23
Ester Abreu Vieira de Oliveira A mulher escritora e as Academias de Letras27
Fernando Achiamé Trio musical30
Francisco Aurelio Ribeiro Discurso de recepção a Adilson Vilaça na AEL36
<b>Getúlio Marcos Pereira Neves</b> Renato Pacheco e Miguel Depes Tallon (Entrelaçamentos)40

Gracinha Neves Uma Descoberta no Interior da França44
Humberto Del Maestro / José Pereira Lins
Por ocasião de minha escolha para a Academia Espírito-santense de Letras51
Joana d'Arc Batista Herkenhoff Pelas mãos dos avós
Jô Drumond         O percurso literário de Anaximandro Amorim
Jorge Elias Neto Os canários do hortomercado
Matusalém Dias de Moura Elmo Elton
José Roberto Santos Neves  A Academia vai à Escola: incentivo à leitura entre os jovens
Pedro J. Nunes A importância do lúdico para o servidor público
Pedro Sevylla de Juana Fazendo memória, conto
Pedro Sevylla de Juana Poemas de Cesar Vallejo traduzidos
Santiago Montobbio Poemas90
Santinho Ferreira de Souza  Homenagem à Professora Emérita Ester Abreu98
Wanda Maria Alckmin
Poemas

# Apresentação

A Academia Espírito-santense de Letras completou 97 anos em 04 de setembro de 2018, pois foi fundada nessa data, em 1921, por Elpídio Pimentel, professor, Alarico de Freitas, advogado e Garcia de Rezende, jornalista. Neste quase um século de existência, passou por bons e maus momentos, sendo os piores na primeira década de sua existência, ao ficar inativa por longos anos, e na década de 1990, quando quase ficou insolvente, com dívidas à PMV e a outras entidades.

Em 1992-3, eu era Secretário de Produção e Difusão Cultural da Ufes, quando fui convidado pelos amigos Renato Pacheco e Miguel Deps Tallon, para concorrer a uma das vagas existentes na AEL. Eram umas quatro e eles mesmos me recomendaram optar pela cadeira seis, antes ocupada pelo eminente professor Alberto Stange, que tanto marcou a vida cultural de Vitória nos anos anteriores. Assim o fiz, tomando posse em 13 de dezembro de 1993, dia de Santa Luzia, no auditório do IC 3, na Ufes. Lá era o nosso espaço, visto que nós três éramos professores naquela instituição.

Quatro anos depois, em dezembro de 1997, fui eleito como Presidente da AEL, na chapa que tinha Maria Helena Teixeira como Vice, sucedendo ao desembargador Romullo Sales de Sá. Nosso primeiro trabalho foi lutar para recuperar a situação jurídica da AEL. Tínhamos um débito de IPTU de mais de 30 mil reais, àquela época. O professor Aylton Bermudes, com sua experiência jurídica, foi essencial para reduzirmos esse valor e conseguirmos quitar a dívida, o que fizemos com muita dificuldade, em dois anos.

Em 1998, conseguimos publicar a primeira Revista da AEL, após um hiato de sete anos, visto que o último número tinha saído em 1991, no aniversário de 70 anos da AEL, sendo o editor Marien Calixte. Desconheço se houve números anteriores da Revista, nos primeiros setenta anos da AEL. Sempre foi muito difícil publicar esta Revista, pois nunca tínhamos recursos para o fazer. Sempre tivemos de contar com apoio de patrocinadores: Cesan, UVV, Gráfica Espírito Santo, Fundação Jônice Tristão, Instituto Sincades (2010 a 2016) e Prefeitura de Vitória são os que nos apoiaram nestes vinte anos que a Revista sai, ininterruptamente. Em 2006, no aniversário de 85 anos da AEL, conseguimos fazer duas edições, sendo uma especial. Portanto, aos que vierem e queiram fazer a história de nossa Revista, saíram os números de 1991 (o zero), 1998, 1999, 2000 e 2001, em formato A4. Em 2002, saiu a Revista com projeto gráfico de Ronaldo Barbosa e formato 15x21, formato que vigorou até 2010, com dez edições. Nesta, consta o ISNN 2176-6517 e a indicação de v.13. Na verdade, deveria ser o v.15, se tivesse sido contado o primeiro número, o de 1991, e o número especial de 2005.

A partir de 2011, a Revista voltou a ter o formato A4, tendo sido patrocinada pelo Instituto Sincades, por meio de convênio, e veiculava os textos vencedores do concurso literário promovido por esse e a AEL. Nesse formato, saíram os números de 2011, 2012,1013, 2014, 2015 e 2016, quando se encerrou o convênio. Em 2017, o convênio com a PMV foi retomado e a Revista nele incluída. Portanto, este exemplar que ora tendes em mãos e que lhes oferecemos ao prazer da leitura é o v.22 de nossa Revista. Bom proveito!

Prof. Dr. Francisco Aurelio Ribeiro *Presidente* 

Dezembro de 2018

# Alguma reminiscência

## Adilson Vilaça

Escritor, jornalista e professor universitário. Pertence à AEL, cadeira 13.

Saúdo o amigo e meu padrinho neste ato, o Presidente da Academia Espíritosantense de Letras, Francisco Aurelio Ribeiro, estendendo o meu cumprimento aos meus confrades. Saúdo autoridades, amigos, familiares e a todos que prestigiam esta ocasião tão distinta para mim. Em especial, saúdo os familiares do memorável professor Ivan Anacleto Lorenzoni Borgo, que me antecedeu na cadeira de número 13 na Academia Espíritosantense de Letras. Empenho a minha gratidão aos membros da Academia, pela aprovação por unanimidade de meu ingresso. Saúdo e também agradeço a todos que contribuíram ou que ainda se dedicam na realização deste nosso singelo evento. Meu boa noite a todos!

Conforme a tradição do ato de posse na Academia Espírito-Santense de Letras, em primeiro lugar cabe-me, muito honradamente, louvar a memória de meu antecessor, o professor Ivan Borgo. Destaco a sua gentileza, o riso fácil e sua economia na exasperação. Ivan Anacleto Lorenzoni Borgo, ao nascer no município capixaba de Castelo, em 1929, certamente foi abençoado com os bons ventos da conciliação. Foi com este espírito que a 19 de dezembro de 1996 ele me fez dedicatória no livro Norte do Espírito Santo: ciclo madeireiro e povoamento. Sua urbanidade anotou o comentário que ora reproduzo: "Para o nosso bom e compreensivo Adilson, escritor de primeira linha, homenagem de Ivan".

Na verdade, editar a obra do trio Ivan Borgo, Léa Brígida Rocha de Alvarenga Rosa e Renato Pacheco botou em xeque todo o meu estoque de paciência. E eu a perdi seguidamente. Fez a revisão da obra o primoroso poeta Miguel Marvilla, ele também saudoso membro da Academia, que se despediu tão precocemente. Ao telefone, Miguel estrilava: "Não dá mais! Logo que eu termino de revisar um trecho dos originais, aparece um deles com anotações e alterações que desfazem tudo o que já está feito!". Na condição de editor, eu apelei várias vezes ao trio, destacadamente aos professores Renato Pacheco e Ivan Borgo, que mais futucavam nos respectivos textos. Meia dúzia de vezes ou mais, eu disse um taxativo "chega!". Por fim, eu os ameacei: "Olha só, meus caros, dezembro bate à porta. E, pelo andar da carruagem, esta publicação ficará arquivada entre as pendências do Ano Velho". Nesta última conversa, atesto que eu não fui nada compreensivo. Mas isto não alterou o riso manso e a simpatia de nenhum deles, muito menos a do Ivan. A professora Léa Brígida, cúmplice menor dos desfeitos, dirigiu-me em dedicatória agradecimento "pela atenção e paciência". E Renato Pacheco arrematou a conversa segredando-me: "Eu não disse que tudo ia acabar bem?". O Miguel Marvilla, cercado de gentilezas do trio, também havia recuperado o humor.

No ano seguinte, após a desova da obra tumultuada, os meus encontros com o cronista Roberto Mazzini permaneceriam sempre muito amigáveis. Embora seja informação compartilhada no meio literário, cabe informar que Roberto Mazzini era o pseudônimo que assinava os textos de Ivan Borgo para a Revista Você, publicação cultural da Universidade Federal do Espírito Santo, da qual tive o prazer de ser editor por boa temporada. Roberto Mazzini foi o persistente escudo literário de Ivan Borgo, professor universitário com formação em Direito e Especialização em Economia, fiscal da Previdência, diretor regional do Senai, chefe do Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Ciências Econômicas, membro do Conselho Estadual de Educação do Espírito Santo, integrante da Comissão de Estudos de Mão de Obra para os Projetos Industriais do Espírito Santo na década de 1970, membro do Instituto Histórico e Geográfico do

Espírito Santo e ocupante da cadeira de número 13 da Academia, da qual, confirmando a honraria, sou o sucessor. Sua carreira o premiou com a Comenda do Mérito Industrial da Federação das Indústrias do Espírito Santo e com a Comenda da Ordem da "Stella della Solidarietà Italiana", no Grau de Cavalheiro, concedida pelo Presidente da República da Itália. Nos livros Crônicas de Roberto Mazzini, Novas crônicas de Roberto Mazzini e nos contos da publicação Navegantes a evocação à Itália é permanente, marca a dicção do autor e documenta o seu orgulho de ser descendente de imigrantes italianos.

Ivan foi também apaixonado por futebol. Driblando a retranca do esquecimento do esporte no Espírito Santo, ele publicou com a assinatura do batismo o seu Recordações do futebol de Vitória. Nele, desvela-se que ele foi diretor do Rio Branco e empenhado torcedor do Fluminense. Porém, mais do que isso, ele carregava o futebol no coração como um troféu conquistado na infância. Isto eu descobri fortuitamente, numa tarde qualquer de mais ou menos década atrás. Ambos iríamos participar de uma reunião na Universidade Vila Velha, onde eu era professor e membro do Conselho Universitário; Ivan Borgo era convidado, pretendido pela direção da UVV. Uma pane no sistema elétrico adiaria a reunião por quase duas horas. Com muito gosto, eu me prontifiquei a "fazer sala" para o visitante. Então, nós nos espichamos num banco à sombra de um oitizeiro, na beira da paradoxal Capela Ecumênica de Nossa Senhora da Penha, e demos vazão, rubro-negro que sou, a longo Fla x Flu rememorando as proezas do futebol nacional e as cinzas da memória futebolística capixaba. Ivan foi dirigente do Rio Branco, eu fui jogador do glorioso Colatinense, muito novo, ali pelos dezesseis anos, inscrito no Campeonato Capixaba, lá na primeira metade da década de 1970. Mas o que o realmente nos irmanou naquele longo exercício de espera foi a reminiscência do futebol jogado nos idos dias da infância no interior, com bexiga de porco improvisada como bola. A tarde amena documentou verdadeira sacolada de gols de placa desencavados da longínqua peleja da infância. Uma tarde quase perdida, que para sempre permaneceu guardada em meu coração. Obrigado por mais esta chance de tabela, Ivan Borgo, craque de uma civilidade que nem sempre me contempla.

Pronto para concluir, mas ainda com os pés descalços da memória correndo por minha infância, quero fazer alusão ao segundo motivo de nosso encontro nesta tão hospitaleira Biblioteca Pública do Espírito Santo. Hoje lanço o meu romance histórico Cartas fantasmas, herança que me foi dada pelo convívio com a brutalidade que se instalou no Noroeste capixaba. Para tanto, evoco três cenas de minha infância, nos anos 60, em Ecoporanga:

Cena 1 - Minha mãe me pede para ir à feira comprar um litro de feijão. Eu colecionava feijões, amava catar um grão aqui e ali. Guardava-os em caixas de fósforo. Naquele sábado dos meus cinco anos, um cavaleiro desatinado pôs a feira a correr. Sua tropelia era anunciada pelo grito: "Vou te matar!". Eu corri, tive a célere ideia de cruzar uma cerca mal feita que protegia o mercado em construção. Entrei, escondi-me sob o balcão de cimento de uma das pequenas baias. Pois não é que a vítima anunciada teve a mesma ideia? E, para meu desespero, escolheu a mesma banca! Ficou a um canto, com os dedos nos lábios a implorar o meu silêncio. Os tinidos de esporas se aproximaram. O algoz, com carabina à bandoleira, revólver e garrucha à cintura, desembainhou enorme faca. A lâmina entrou pouco acima do estômago do condenado, desceu até perto do púbis. Dois policiais apontaram seus fuzis para o matador. Ele se entregou, não sem antes lamber a faca. Eu corri, enfiei-me debaixo da cama, ainda com o cheiro de fezes, urina e sangue nos calcanhares esfolados;

Cena 2 – Meu pai detestava touradas. Uma prima-irmã que morava em nossa casa, órfã desde os três anos, quando o pai dela foi esfaqueado e a mãe sofreu síncope cardíaca ao receber a notícia, conseguiu convencê-lo a nos deixar ir à tourada. Ela era mocinha com seus 15 anos, queria qualquer pretexto para um passeio na cidade de pouco acontecimento. Meu pai lhe dava muita atenção, porque foi grande amigo do concunhado assassinado. Por isso, ainda em Minas Gerais, onde nasci, ele vingou a tiros os cinco envolvidos na morte do pai de minha prima. Fomos à tourada. Bois, toureiros, algazarra. Na saída, no tumulto, um compadre de meu pai sorriu para mim, aproximou-se e levou a mão aos meus cabelos. O tiro o atingiu na nuca. O fazendeiro despencou a meus pés. Só parei de correr quando me encolhi debaixo da cama;

Cena 3 – Era noite, pouco depois da Ave-Maria. Meu pai me levou à quermesse da Igreja Católica, bem perto de nossa casa. Enquanto os pregões anunciavam as prendas do leilão - frango assado, um pudim, duas dúzias de biscoitos de polvilho -, era do costume dele participar do jogo de víspora. Os homens ficavam de pé em derredor da banca, o meu queixo mal alcançava o anteparo de madeira onde estendiam as cartelas de víspora. Um freguês de meu pai, que então tocava um secos e molhados, aproximou-se. Insistiu para me comprar uma cartela, meu pai disse que eu ainda não sabia contar. "Eu sei!", protestei. O madeireiro comprou a cartela, espremeu-se entre mim e o meu pai; conversavam, e o repentino patrono me ajudava na marcação. O tiro lateral o acertou na altura dos pulmões. A bala zuniu a centímetros de minha cabeça. Na velocidade de estrela cadente, eu corri até o refúgio do meu céu particular. De novo, debaixo da cama. Minha mãe tomou a providência de me levar para benzer. Mas não havia curandeiro que desse jeito na violência instalada no Noroeste capixaba. É dela que trata o meu novo romance. Cartas fantasmas dá continuidade ao romance histórico Cotaxé; portanto, aborda a efêmera existência do Estado de União de Jeovah no Sudeste brasileiro, entre os estados de Minas Gerais e do Espírito Santo, no Território Contestado. Cotaxé, hoje distrito de Ecoporanga, foi capital da aventura messiânica com fim decretado pelas armas em 1954. Na trama de Cartas fantasmas, destaca-se a instalação do município de Ecoporanga em 1955, no Noroeste capixaba, em cenário que seria convulsionado pela Revolta Camponesa, pelos herdeiros do Estado de União de Jeovah, com duração de 1959 a 1962.

O romance divide-se em duas partes. Em "O tempo da fala", sua primeira parte, que se subdivide em seis capítulos, cinco personagens (um militar, uma criança órfã, um tropeiro, um tocaieiro, uma militante comunista) e ainda um cronista revezam-se capítulo a capítulo, com dicção própria, na construção da narrativa que remonta o sopro do messianismo, a revolta dos camponeses e a fundação da cidade. Na segunda parte, "A fala do tempo", os seis capítulos são conduzidos por narrador onisciente, que dá voz aos vencidos. O desenlace vislumbra o denso êxodo (rumo ao Norte do Brasil, com

maior concentração em Rondônia) que varreu o Noroeste capixaba, transformando-o em terra de matarias devastadas, de concentração fundiária e habitado por imenso vazio populacional. É romance no qual novamente eu testo a forma, dando-lhe a originalidade de premeditado e bem ordenado desarranjo. A brutalidade que viceja na multifacetada narrativa, baseada em fatos, é apenas retrato três por quatro da violência que se fez símbolo do Brasil. Mas eu guardo a esperança de que essa violência seja um dia tão somente ficção ou rememoração. E que a história dos vencidos, tão prestigiada por Walter Benjamin, em algum horizonte remodele a narrativa da História do Brasil. Esta adorada Terra governada por escroques desde os dias coloniais. Boa noite. Obrigado a todos!

# Resposta Adequada

## ÁLVARO JOSÉ SILVA

Jornalista. Pertence à AEL, cadeira 14.

Tertuliano, desde meus 13 anos de idade, entra e sai da minha vida ao sabor das lembranças. Ele me foi apresentado em São Paulo,em 1963. Depois, vira e volta reaparece. Mesmo muito tempo após eu voltar para o Espírito Santo, minha terra, há muito tempo, sua lembrança me persegue. E eu gosto disso. Imensamente. Uma sexta-feira – última – de agosto estava eu no evento Sexta Diversus, no Vila Fruit, em Vila Velha, quando a ordem era declamar poesias. Cobravam-me alguma coisa, alguma obra recitada. E eu, que não fui, não sou e nem nunca serei poeta, me perguntava: "E agora (Álvaro), José?". Tertuliano chegou-me à memória. Chamei os organizadores do evento e disse que iria falar. Melhor dizendo, recitar.

Fui chamado e, com vergonha de neófito, comecei a explicar o que se passara 55 anos antes da data atual, no bairro de Aclimação (divisa com a Vila Mariana), em São Paulo: "Fui um garoto brigão. Bem mais do que era prudente ser. Um belo dia houve uma desavença com alguns meninos que jogavam futebol contra nós na Rua Paulo Orozimbo, perto de onde eu morava, no número 992. Pertinho do portão lateral do Cemitério da Vila Mariana. No meio da briga, tentei acertar uma pedrada em quem lutava contra mim, errei o alvo, mas acertei a janela da sala de visitas da casa da vizinha que morava em frente à minha. Ela ficou espatifada". Passei o resto da tarde imaginando como explicaria o ocorrido a meu pai, então no trabalho. No início da noite, quando via algum programa na antiga TV preto e branco de então,

sem encontrar desculpa plausível, meu pai me chamou, determinado: "Para o quarto!". Fui. Lá ele tinha nas mãos um livro cujo título e autor somente muito tempo depois, mais precisamente no Vila Fruit, fui identificar. Sentei-me à cama e ele abriu o tal volume numa determinada página onde estava o título "Resposta Adequada" sobre uma poesia. - Isso aqui é um soneto, fedelho paspalhão. Você só sai desse quarto depois de decorar tudinho, me avisar e declamar para mim.

Virou as costas, ouvi a chave dando uma volta pelo lado de fora e fiquei olhando o livro. Quando o barulho de mamãe colocando o jantar na mesa chegou até mim, veio o ronco do estômago junto com ele. Peguei o soneto e comecei a ler, reler, guardar na memória. Depois de declamar para mim mesmo umas cinco vezes e sentir segurança, tomei coragem bati na porta e falei bem alto, mas sem gritar: - Já decorei, pai! Pouco depois porta então fez o barulho de chave girando. Abriu e um pai furibundo parou à minha frente. Tomou-me o livro das mãos sem cerimônia alguma e foi logo dizendo:

- Título do soneto?
- Resposta Adequada respondi.
- Agora, declame. Com vontade, tirando cada uma das palavras de dentro de você, do coração. Eu simplesmente comecei, da melhor maneira possível:

"Tertuliano, frívolo peralta, Que foi paspalhão desde fedelho, Tipo incapaz de ouvir um bom conselho, Tipo que, morto, não faria falta;

Lá um dia deixou de andar à malta, E, indo à casa do pai, honrado velho, A sós na sala, diante de um espelho, À própria imagem disse em voz bem alta:

- Tertuliano, és um rapaz formoso!
És simpático, és rico, és talentoso!
Que mais no mundo se te faz preciso? –

Penetrando na sala, o pai sisudo, Que por trás da cortina ouvira tudo, Severamente respondeu: - Juízo.

Papai ouviu o tempo todo. Não disse nada após o término da declamação. Em silêncio girou sobre os calcanhares e deixou o quarto. Atrás dele a porta ficou aberta. Minha mãe só me disse, em tom reprovativo: "O jantar está esfriando!". Depois desse dia procurei – e consegui – brigar menos em minhas brincadeiras, tanto na rua quanto no clube onde éramos sócios, o Ipê Clube, no Ibirapuera. Em 1967, envolvido em atividades políticas do meu partido proscrito, o PCB ou Partidão, vim para Vitória "exilado". Em 1968 retornei. Mas então era o ano do AI-5, quando quase fui preso em uma passeata, junto ao pessoal da UNE. Meu pai decidiu que me defenderia de "morrer em combate". Fui mais uma vez mandado para Vitória, aqui cheguei aqui em janeiro de 1969, e dessa vez definitivamente.

Após a leitura do soneto no Vila Fruit alguém que o havia ouvido fez-me declamá-lo novamente no domingo seguinte, durante um evento literário da Academia de Letras de Vila Velha, da qual fazem parte alguns dos meus confrades da AEL. Nos dois casos a plateia ria ao ouvir a declamação. Também, pudera. E Tertuliano continua comigo. Trata-se de uma poesia de Artur (Nabantino Gonçalves) de Azevedo (1855/1908), irmão de Aluízio de Azevedo. Estranho, mas o poema hoje é apresentado com o título "Velha Anedota" no livro que o contém (In: AZEVEDO, Artur. **Sonetos e peças líricas**. Pref. Júlio de Freitas J. Rio de Janeiro: Garnier, s.d). Não importa. Ele é inesquecível porque tem o poder de abrir portas trancadas...

# Tavares Bastos: o embaixador da poesia brasileira

#### Anaximandro Oliveira Santos Amorim

Advogado. Professor. Pertence à AEL, cadeira 40.

Antonio Dias Tavares Bastos. Certamente, você nunca ouviu falar nesse nome. Sinceramente, nem eu, há algum tempo. Engolido pela poeira da História, deparei-me com o nome de Tavares Bastos, pela primeira vez, lendo o "Mapa da Literatura Brasileira produzida do Espírito Santo", do escritor Reinaldo Santos Neves, publicado no site "Estação Capixaba". Desde então, luto para fazer o nome de Bastos reluzir novamente.

Você deve estar se perguntando: mas, por que ele está fazendo isso? E qual a importância desse Tavares Bastos na nossa literatura? Bom, em primeiro lugar, o motivo pelo qual me interessei pela vida e obra de Bastos foi pessoal: em plena Vitória da década de 1920, um autor que produziu toda sua obra poética... em francês! Ora, poeta, capixaba e francófono... a identificação foi imediata! Em segundo lugar, Bastos não foi somente um poeta francófono, mas, também, um verdadeiro embaixador da poesia brasileira na França, no que reside, para mim, sua maior importância, sem querer, obviamente, desmerecer sua produção, cujos textos têm, sim, relevância literária.

Antonio Dias Tavares Bastos nasceu em Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, em 7 de julho de 1900, a despeito de Manoel Bandeira que, em uma crônica chamada "Coração de criança", afirma ter Bastos nascido no Espírito Santo: "A. D. Tavares Bastos, nascido no Espírito Santo, nasceu poeta, e com ser brasileiro cem por cento, com uma tocante paixão pela França". O equívoco é, aliás, repetido por Afrânio Coutinho, na *Enciclopédia da Literatura Brasileira*, quando afirma, no verbete dedicado a Bastos, que este nasceu no Espírito Santo, sem, no entanto, precisar a cidade e a data completa de nascimento.

A celeuma é dirimida pela viúva do autor, Georgette Tavares Bastos, belga de nascimento e tradutora, dentre outros autores, de Jorge Amado, sendo célebre sua versão ao francês de Dona Flor e seus dois maridos. Em carta a Renato Pacheco, reproduzida pelo site "Estação Capixaba", Georgette afirma que o marido nasceu, mesmo, em Campos, além de precisar data de nascimento, óbito, dentre outras informações.

Os Bastos se mudaram para Vitória em 18 de julho de 1910, como atesta o jornal *O Cachoeirano* daquele mês, vez que a família dormiu na cidade de Cachoeiro, mais próxima do Rio. O pai de Tavares Bastos, José Tavares Bastos, era juiz federal, o 5º do Espírito Santo, além de autor de obras jurídicas. A família, aliás, contava com um ascendente ilustre, Aureliano Cândido Tavares Bastos, bisavô de Antonio, jurista, senador, escritor e, por coincidência, morto na França, em Nice.

Não se sabe ao certo como Antonio aprendeu francês. O que dá para deduzir é que, desde cedo, ele deve ter tido contato na escola, vez que a língua de Molière era mais estudada que a de Shakespeare, naquele começo de século. Egresso de uma família elitizada, Antonio Dias deve ter tido acesso, também, com material em língua francesa em sua casa. Arrisco dizer que Bastos deve ter aprendido (ou começado a aprender) a estudar francês graças à literatura, sobretudo à poesia, o que forjou seu vaticínio.

Uma coisa é inegável: a grande paixão do autor foi, indubitavelmente, o francês. Nem mesmo a formação jurídica, herança de família, foi capaz de sobrepujar esse amor. Tavares Bastos começou seguindo os passos do pai, estudando Direito no Rio de Janeiro, dentre 1918 a 1922, quando, logo em seguida, ele assina o primeiro termo de posse, ainda como bacharel, no cargo de promotor de Justiça, do Ministério Público de Vitória, onde trabalha até aproximadamente 1926 ou 27, tendo lecionado, também, História.

É depois dessa primeira volta ao Rio que se tem a gênese da obra de Antonio. Consta em vários jornais da época, como o Diário da Manhã, que ele começava a se fazer conhecido, no circuito RJ/ES, publicando artigos e crônicas. Chegou, também, a contribuir para a revista "Verde", dos modernos de Cataguases, MG. Mas foi em terras capixabas que um jovem sonhador, apaixonado pela França, concluiu os manuscritos do que viria a ser seu primeiro livro, "Ballades brésiliennes", sob um pseudônimo, no mínimo, curioso: Charles Lucifer.

Ao que tudo indica, a alcunha teria alguma relação (fonética) com Charles Baudelaire. Lidos em francês, os dois nomes se aproximam fonicamente. Não há do que se estranhar: Bastos, certamente, foi influenciado por Baudelaire, seja no estilo, seja na abordagem. "Le chantre d'occident", poema de abertura do livro de estreia, traz como mote o nascimento do poeta, no que há, aí, um paralelo com "Bénédiction". As semelhanças não param por aí, havendo um poema chamado "Le Phare", que dialoga com "Les Phares" do autor francês, dentre outras possibilidades.

"Ballades brésiliennes" foi lançado em 1924, em Paris, pela "Éditions de la pensée latine". Só por isso, o autor mostraria importância: um brasileiro, capixaba (de coração), escrevendo em língua francesa em Vitória, mas lançando uma obra poética na Cidade-Luz. "Ballades", aliás, causou impacto, sendo citado no jornal "Le Figaro" de 1924 e tendo duas resenhas, uma na "Revue mensuelle illustrée", do mesmo ano, e outra, no ano seguinte, na "Les nouvelles littéraires". Aqui, o autor também foi resenhado no jornal "O Diário da Manhã", de agosto de 1924.

O livro conta com 27 poemas, todos eles com versos livres e brancos. Ainda sobre Baudelaire, que, na obra "O spleen de Paris", introduziu na tradução poética a "poesia em prosa", afirmo que Tavares Bastos fez o contrário, ou seja, uma "prosa poética". Alguns de seus poemas, que, na maioria, são longos (entre três a quatro páginas), contam verdadeiras histórias, como "Aubade d'ivrogne", "L'anverse" e "La secheresse". Em "Ballades brésiliennes" é possível enxergar um projeto literário, que começa com o já citado "Le chantre d'occident". O poema, além de introduzir esse "eu lírico", traz uma provocação:

o poeta, um "mestiço", um "latino-americano", vindo da "periferia do planeta", se coloca como um homem "ocidental", desafiando uma visão muito em voga na época (e, para alguns, ainda hoje), que só europeus e americanos do norte poderiam se "dar ao luxo" de assim se considerarem.

Hibridez, aliás, é a tônica não apenas do livro, mas, também de toda a obra de Tavares Bastos: um poeta brasileiro, mas que escreve em francês, língua de maior prestígio literário; um sul-americano que reclama sua ocidentalidade; um moderno, cujos textos ainda têm fortes cores de uma poesia parnasiano/simbolista (há um desfile de deuses da mitologia greco-romana e também persa, nórdica); um poeta que flerta com a prosa. Tudo isso é bastante encontradiço nesse livro de estreia. Os 27 textos poéticos terminam com "La sécheresse", em que o poeta trata, não apenas, da problemática da seca, fazendo, também, uma alusão com a morte, no que também podemos especular uma aproximação com o capítulo VI de As flores do mal, "A morte". Vida e morte, um arco que vai do primeiro ao último texto, enquanto o nosso "bardo" canta sua terra natal, o "El Dorado des milles couleurs", apresentando sacis, iaras, vitórias-régias e até as capixabas areias monazíticas, num projeto que termina com a palavra "fim", algo nada usual em um livro de poesias.

Tavares Bastos lançou, ainda, "Les poèmes défendus", em 1925, de poesia erótica, e "Cynismes, suivis de sensualismes", em 1927, todos escritos em Vitória e sob o pseudônimo de Charles Lucifer. Na carta de Georgette a Renato Pacheco, reproduzida no site Estação Capixaba, constam mais livros, porém, apenas esses três foram localizados. Os demais, ao que parece, ficaram no prelo, como indicam, inclusive, em alguns dos livros publicados.

A vida do autor, aliás, pode ser dividia em duas fases: uma, brasileira, ainda enquanto "Charles Lucifer", cuja metade dos trabalhos de publicação confirmada se deu em solo capixaba. Esse período vai até 1937, quando o autor, já residindo no Rio, abandona de vez a carreira jurídica e vai se fixar em solo francês, na cidade de Paris. Ali, começa a fase francesa de sua vida, quando ele abandona o pseudônimo e usa seu próprio nome, fixando-se no país até sua

morte, em 1960. Nessa fase, o poeta visita o Brasil apenas uma vez, em 1952, para uma palestra no Sesc de São Paulo e uma estada no Rio de Janeiro.

A fase francesa da vida de Bastos é marcada pelo jornalismo e pela tradução. Ao que parece, ele, que, uma vez no Velho Continente, sofreu as agruras da guerra, preferiu se dedicar ao labor literário. Não que ele estivesse alheio ao conflito: na Paris ocupada pelo Reich, Bastos encontrou guarida em Vichy, escrevendo crônicas para jornais brasileiros. Foi nessa época em que ele conheceu sua Georgette, vindo a se casar em 17de dezembro de 1942, tendo como padrinho de casamento o embaixador Souza Dantas.

Os Bastos excursionaram por Lisboa, Argel e Bad Godesberg, passando sua lua de mel no campo de concentração, visto eu, simpáticos à resistência, transformavam-se, automaticamente, em inimigos dos alemães. Voltaram para Paris em 1944. Com a criação da Unesco, Bastos é chamado para fazer parte da delegação brasileira, iniciando suas funções em 1946. Em 1947, junto com o escritor e hispanista Pierre Darmangeat, Bastos lança "Introduction à la poésie hibéro-américaine", recolho de poemas de autores portugueses, espanhóis e latino-americanos. Porém, em 1957, o autor organiza, sozinho, a importante "Anthologie de la poésie brésilienne contemporaine", pela editora "Tisnet", livro que ganharia uma láurea da Académie française e uma edição póstuma, pela "Seghers", em 1966, com prefácio do imortal da ABL Paulo Carneiro, grande amigo do poeta.

Essa antologia conta com 227 poemas de 47 poetas (na edição de 1966, com três poemas de Bastos e uma biografia feita pelo editor, em homenagem). Organizada por ordem de data de nascimento, ela congrega escritores nascidos entre 1866 e 1925. A escolha dos poemas originais é do próprio Bastos, que, claramente, deu preferência aos modernos, seja da primeira ou da segunda geração. Há, aí, grandes nomes, como os de Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes, Murilo Mendes, João Cabral de Melo Neto e a única autora genuinamente capixaba: Haydée Nicolussi, cujo "Festa na sombra" ganhou três traduções, figurando nesse ilustre rol.

A antologia também conta com um primoroso prefácio, escrito pelo próprio Bastos, que se revela uma verdadeira aula de literatura brasileira para os franceses. Nele, o escritor faz um percurso desde a Carta de Pero Vaz de Caminha até os Modernos daquele período, resgatando os principais autores e movimentos literários do Brasil ao longo dos séculos. O curioso do texto é uma citação a um Congresso de Antropofagia, que teria lugar em Vitória, em 1929. É o Espírito Santo de Bastos, terra de seu acolhimento, aí, também representado!

É por tantas razões que podemos, sem dúvida, considerar Antonio Dias Tavares Bastos como um "embaixador da poesia brasileira na França". Foi pela esmerada tradução desses mais de duzentos poemas que os franceses puderam conhecer (e ler) o que de mais significativo foi produzido no Brasil no período, mas, também, pela sua obra poética, que faz dele um escritor estabelecido entre dois vetores, um brasileiro que escreve em francês, um amante da língua e das coisas da França, mas que nunca perdeu sua identidade brasileira.

Enfim, há muito mais coisa a se falar dessa personagem tão interessante e, certamente, há muito mais a se descobrir. Estou apenas no começo das minhas pesquisas. Pelo menos, um primeiro esforço já foi feito, o de resgatar a memória de um autor cuja trajetória, por si só, não merece cair no esquecimento. (Texto originalmente publicado no site Tertúlia Capixaba. http://tertuliacapixaba.com.br/paraler/tavares\_bastos\_o\_embaixador\_da\_poesia\_brasileira\_na\_franca. html, revisto e ampliado).

## Soneto da Piedade

### CARLOS NEJAR

Escritor, Membro da ABL, Pertence à AEL,

Não se sabe o que a sorte pede ao homem. Como a mãe que se abrasa, tendo ao ventre o filho consumido e não pressente outra dor que não seja o que a consome.

Não se sabe o que vem junto com a fome e se é fundura o que o corpo desaprende. O pó no pó, se a pedra não se acende de sangue. Só perdura no que some.

Piedade, sim, piedade com os que dormem. Piedade no universo, quando o acaso não reflete o silêncio, se consorte

dalguma vastidão, de alguma ordem. Piedosa a noite com seu longo vaso. Piedoso o raio, mais piedosa a morte.

# A Fossa e a saudosa cantora Capixaba Waleska.

#### Denise Moraes

Artista Plástica e Poetisa.

No intento de reviver o tempo que me remete à infância nostálgica, valorosa e sem fantasias, vivo em busca de preciosas recordações. Das brincadeiras de infância a fatos que me orgulham ter vivenciado. E uma dessas lembranças me vem à memória: uma vizinha que se tornou uma famosa cantora, a qual para nós será a eterna Maria da Paz Gomes.

Maria da Paz Gomes nasceu em Afonso Cláudio, interior do Espírito Santo, em 29 de setembro de 1941 e perdeu a luta contra um câncer no pâncreas em 14 de outubro de 2016, no Rio de Janeiro. Oriunda de uma família numerosa de oitos irmãos, sua infância foi vivida em várias cidades do interior, devido ao pai que era coletor fiscal do Estado e sempre era transferido para outra cidade.

Sua influência musical veio do seu pai, Sr. Waldemar Gomes, mais conhecido pelo apelido de Seu Marzinho, uma pessoa muito reservada que costumava depois do jantar, tocar bandolim para a família. Sendo assim, a música entrou na sua vida aos oito anos de idade, na cidade de São José do Calçado, nas festinhas da escola onde era convidada para cantar. Cantava também na igreja, na festa da coroação de Nossa Senhora, no mês de maio. Aos dez anos de idade, a sua primeira desilusão, perdera sua mãe, ficando numa orfandade cósmica e a família mudou-se para um bairro humilde de Vila Velha, Toca. E logo em seguida, a família mudou-se para o bairro do IBES,

conhecido por ser um bairro predominantemente composto por funcionários públicos. Assim, Maria continuou seus estudos; participava de programas de calouros em parques de diversões; programas "Clube do Guri" na Rádio Espírito Santo. Sofreu influência da irmã mais velha Leda, também conhecida como Walkíria Brasil, que foi cantora da Rádio Espírito Santo. Soube posteriormente por sua meia irmã, que a mesma mudou-se para os USA e teve um enfarto fulminante na porta de casa.

No início dos anos 60, com pseudônimo Maria Waleska, iniciou sua carreira profissional em Belo Horizonte na Rádio Inconfidência Mineira ao lado de Clara Nunes, mudando-se logo para o Rio de Janeiro, onde gravou seu primeiro disco na CBS ao lado de Roberto Carlos e Elis Regina. Seguiu seu sonho e o realizou. Fez muita falta a sua presença constante, embora de poucas palavras. O seu companheiro era o cigarro, um charme na época. E levou os irmãos consigo. Teve seu primeiro filho com o companheiro Albatênio que a acompanhava a Vitória; logo separou-se e continuou os degraus da fama.

E, na década de 60, Maria da Paz cantava na Rádio Espírito Santo e todos ficávamos ansiosos para ouvi-la. Sentávamos no portão de casa para vê-la entrar no táxi preto, sempre o mesmo durante anos, era o nosso vizinho taxista que a levaria à Rádio. Era um acontecimento histórico para a época. O tempo traz cenas repetitivas, tal qual vê-la na casa do seu pai, na rua indo tomar o ônibus ou o bonde. Lembranças que não se apagam. Sempre vinha a Vitória visitar o pai e à convite da Rádio Espírito Santo e da TV para cantar, um show, muito mágico. Ao ensaiar à noite, nos chamava para ouvi-la juntamente com sua meias irmãs: Rita, Marília e Gracinha, amiguinhas de infância. Sentávamos à sua volta nos banquinhos ou nas pedras de granitos e sob o coqueiro nas enluaradas noites. Maria sentava num banquinho de pernas cruzadas a tocar violão e cantar "Bolinhas de Sabão...Pluf!" Inesquecível cena da bela loura a cantar. Adorávamos aquela oportunidade inesquecível, era um prestígio e nos envaidecia.

O tempo passou e a cena se repetia. Confesso que algumas vezes ia à casa do seu pai, que era defronte à nossa, só para vê-la se arrumar. E ela pacientemente penteava a peruca, apesar de lindos

cabelos louros, as usava, era moda. E eu me sentia agraciada quando ela me pedia para apanhar um creme na penteadeira. Ah!... Criança se empolga com mínimos detalhes. Detalhes esse tão simples e eu me sentia útil. Coisas de crianças. Ficava feliz ao estar ao seu lado, mesmo com seu jeito falando por monossílabos entre uma tragada de cigarro e outra. Só falava o indispensável. E esses momentos não se apagam, eram fascinantes, doces lembranças dessa moça que almejou ser cantora e foi persistente até tornar-se famosa.

Naquele tempo, não era de costume fotografias como nos dias atuais e eu lamento muito. Nessa época de apresentações na TV, seus meios - irmãos e sua madrasta Dona Nina, distribuíam panfletos para a chamada. Ao enviuvar, Seu Marzinho casou-se novamente e teve mais cinco filhos. Todos se sentiam orgulhosos da irmã cantora. Conheci a todos, exceto Leda, pseudo Walkíria Brasil.

Waleska foi crooner em casas noturnas, Beco das Garrafas, (Reduto da Bossa Nova) e Boate Arpége do pianista Valdir Calmon em Copacabana. Foi amiga e comadre da cantora Maysa, a qual batizara seu segundo filho. Waleska sempre comentou sobre o acidente fatal da sua comadre, pois a mesma havia ligado e solicitado a sua companhia para acompanhá-la a Maricá. Sentiu-se chocada e ao mesmo tempo arrependida dessa despedida tão brusca e anunciada.

No final dos anos 60 a 80, foi dona de três boates das mais importantes casas noturnas de Copacabana: PUB Bar (Pontífícia Universidade dos Boêmios), BOATE FOSSA (frequentada por artistas e intelectuais) e FOSSANOVA. Na ocasião recebeu do poetinha Vinícius de Moraes o apelido de "Rainha da Fossa" (pelo seu jeito intimista de interpretar músicas de dor de cotovelo, os sambas - canções de Lupicínio Rodrigues, Dolores Duran, Antonio Maria e outros). Disse Vinícius: "Waleska tem a canção certa para a dor exata".

Sua boate foi frequentada por celebridades políticas e a noite carioca a pessoas desconhecidas. Do jornalista Carlos Lacerda a Juscelino Kubitschek e eventos com o ex- presidente JK e Dona Sara. Ainda em 1968, participou de fotonovelas na Revista Sétimo Céu. Foi amiga do jornalista e compositor Sergio Bittencourt, e, em 1978, apresentou-se no Bar Santos na Vila Rubim, o qual recebeu muitas

celebridades políticas e presidentes. Estava acompanhada do jornalista. Foi um belíssimo e concorrido show. Eu estive presente nessa preciosa passagem.

Éramos amigas no facebook e, de vez em quando trocávamos algumas palavras, até que certo dia surgiu uma dúvida quanto à data da apresentação no referido Bar, então enviei mensagem para confirmação e ela logo respondeu, porém, não se recordava o ano exato. Terezinha Calixte conseguiu confirmação na TV, a qual estava divulgando, foi em 1978.

No exterior, apresentou-se em Portugal, Itália, USA, Argentina e Uruguai. Com mais de vinte discos gravados, Waleska é considerada uma das mais fiéis intérpretes românticas da MPB. Entre os seus shows de maior sucesso, está "Mito, Mulher, Maysa", com o ator Gracindo Jr. e direção de Bibi Ferreira. Viveu um relacionamento com o humorista Zacarias e tantos outros.

Em 2006, fiz uma exposição de quadros em óleo sobre tela com a temática "Infância Nostálgica", e pintei um quadro em homenagem à cantora, mencionei no release e na entrevista, infelizmente esse trecho não foi ao ar e nem citado no Jornal. Expus em vários espaços da Capital.

Durante a sua carreira teve uma vida tumultuada e foi reconhecida pelo talento e perseverança. Uma cantora da noite durante décadas. Esteve ao lado de grandes nomes do meio artístico, de cantores iniciantes a artistas consagrados. O cantor Tayguara revelou-se com a "Modinha" de Sérgio Bittencourt. Cantou com Tom Jobim, Ary Barroso, Cartola e foi considerada um dos ícones da década de 70.

Viveu momentos surreais, conforme afirmou em sua autobiografia "Foi à noite..." título do célebre Miéle, esse lançado no Wunder Bar na Praia do Canto - Vitória - ES. Apresentou-se no Spírito Jazz em 2016, já enfraquecida pela doença que a consumia e nesse mesmo ano veio a falecer, aos 75 anos, no Rio de Janeiro, perdendo a luta contra o câncer. Uma grande perda.

Deixou dois filhos e dois netos. Nunca se casou e assumiu o papel de pai e mãe. Viveu intensamente, seu sonho realizou e partiu tão cedo.Um vazio deixou na Cidade Maravilhosa que a acolheu e a elevou com seu canto, talento e obstinação.Hoje, se aqui estivesse, estaria comemorando mais um ano na FOSSA, o seu aniversário de 77 anos.

## A mulher escritora e as Academias de Letras

### ESTER ABREU VIEIRA DE OLIVEIRA

Professora. Escritora. Pertence à AEL, cadeira 27.

Toda arte é objeto de convenções e a figura feminina nas artes, em geral, foi e é ainda vista como menos importante no espaço cultural e da literatura. Musa, mãe, esposa sem contacto com o ambiente externo ao lar se viu impossibilitada de ser reconhecida como possuidora de pensamentos que condizem com as proposta socioculturais da sociedade ocidental (parte do mundo que participamos)

No século XX, no Brasil, o leque de escritoras de renome foi ampliado e são destaques as escritoras Clarice Lispector, Cecília Meireles, Gilka Machado, Adélia Prado, Ana Cristina César, Marly de Oliveira, Olga Savary, Lygia Fagundes Telles, Lya Luft, Marina Colassanti, Hilda Hilst, Nélida Pinon, Cora Coralina, Stella Leonardo, entre outras. No ES, citamos: Maria Stella de Novaes, Maria Antonieta Tatagiba, Haydée Nicolussi, Lidia Besouchet, Ilza Dessaune, Judith Leão, Virgínia Tamanini, entre outras.

No Brasil, a marginalidade da escritura literária feita por mulheres imposta por uma sociedade machista não difere muito do que acontece no resto do mundo.

Vejamos: no final do sec. XIX surgem no campo literário os nomes das escritoras como Nísia Floresta (1810-1885), principal símbolo do movimento feminista brasileiro, e Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), a primeira mulher a destacar-se na produção literária com contos, romances e teatro, mas não foi admitida na Academia Brasileira de Letras. Acontecimento que só ocorrerá no século XX,

em 1977, com a romancista e jornalista Rachel de Queiroz (1910-2003), que deixou uma grande produção de romances, crônicas, textos teatrais e infantojuvenis. O último romance de Rachel é de 2004, Memorial de Maria Moura. Seu ingresso na ABL foi antes de Marguerite Yorcenar, a primeira mulher a entrar na Academia Francesa, em 1980, fundada em 1635 por Richlieu, Na AF 8 mulheres foram eleitas e, hoje, 5 dela fazem parte. A RAE (Real Academia Espanhola é de 1713, teve em 1784 a admissão como acadêmica honorária a cubana Gertúrdez Gomez de Avellaneda, mas até o princípio do século XX a proibição de aceitar mulheres perdurou. Só em 1978, depois de muitas rejeições de mulheres, 300 anos após a sua fundação, foi admitida Carmen Conde, e, em 2015, Clara Janés. Mas, depois da admissão de Rachel de Queiroz, e no quadro da ABL, já constam 10 escritoras, pois depois dela foram admitidas: Dinah de Silveira de Queiroz (1980), Lygia Fagundes Telles (1985), Nélida Piñon, 1986, Zélia Gattai (2001), Ana Maria Machado (2003) e Cleonice Seroa da Motta Berendinelli (2010).

Francisco Aurelio Ribeiro em A Mulher na Academia: Histórico e Desafios, faz um estudo da mulher nas Academias de Letras no Brasil e declara que, em 1913, fundada a Academia de Letras do Pará, entre os vinte membros fundadores estava a jovem jornalista capixaba Guilhermina Tesch Furtado (ou Guilly F. Bandeira), nascida em Vitória, em 1890 e, também, a pioneira escritora capixaba a editar um livro.

Em 1921, foi fundada a Academia Espírito-santense de Letras, mas não foi cogitado nenhum nome feminino como membro, sequer como patrono. Seus membros eram periodistas, juristas e políticos. Nas primeiras 20 Cadeiras, do início de sua fundação, eram os patronos somente homens. Em 1939, aumentou-se o número para 30. Nas dez Cadeiras acrescentadas nessa época foi designada patrona da Cadeira 32 Maria Antonieta Tatagiba. Em 1981, houve a entrada da primeira mulher Judith Leão Castello Ribeiro, a seguir, em 1985, Neida Lúcia de Mores, em 1986, Virgínia Tamanini, em 1990, Ana Bernardes da Silveira Rocha, em 1996/1, Ester Abreu Vieira de Oliveira, em 1996/2, Maria Helena Teixeira de Siqueira; em 1997, Mag-

da Regina Lugon, em 1997, Maria das Graças Neves, em 1999, Maria Beatriz Abaurre, em 2008, Josina (Jô) Drummond; em 2010, Wanda Alchimin e em 2016, Bernadette Lyra.

Na primeira metade do século XX, era escasso o destaque das publicações das mulheres e, na década de 40, precisamente em 18 de julho de 1949, começou o movimento oficial para a criação de uma academia feminina, fato que ocorreu em 18 de agosto de 1949. Encabeçavam esse movimento Maria Stella Novaes, Judith Leão Castello, Annete Castro e Arlete Cypreste, com o apoio de alguns acadêmicos da Academia Espírito–santense de Letras.

Criada a AFESL, houve, a princípio, um movimento de expansão e depois um período de inatividade, até que, em 1992, houve um forte impulso, com a presidência de Maria das Graças Neves. Aumentaram-se as Cadeiras, sendo todas ocupadas por mulheres notáveis na política, educação e literatura. Foi criado o signo com a deusa Clio, a deusa da poesia. A alegoria foi pintada por uma artista conhecida pela presidente na época e aprovada pelas acadêmicas. O emblema escolhido foi retirado de um verso da *Arte Poét*ica, de Horário: UBI PLURA NITENT (Lá onde brilham muitas estrelas). Hoje a AFESL é composta por membros que ocupam 40 Cadeiras, com mulheres notáveis como patronas, e contém 21 acadêmicas correspondentes.

## Trio musical

#### FERNANDO ACHIAMÉ

Poeta e historiador. Sócio do IHGES. Pertence à AEL, cadeira 17.

#### 1. HOMENAGEM

Deus descansa desde a Criação. Tudo o que fazemos está contido no descanso de Deus. Sim, Ele criou do Nada, Ele criou Dele mesmo. Nós retiramos tudo Dele. do Nada que jamais acaba. Repousamos um pouco para recobrarmos o ritmo. Ele descansa eternamente. Mitos não morrem. aguardam a hora de voltar. Cercado de natureza, um fauno se espreguiça na tarde extensa à espera do céu explodir em estrelas há muito tempo extintas. Iguais a elas, cintilam espíritos no negrume do Nada. Para que pensar o povo nas ruas? O devaneio dura mais. E ninfas, náiades, sereias. Deus sossega nos sóis do mundo.

Você não deseja nossa estrela que tão perto brilha e nos cega. Já o clarão da lua se imiscui nos arabescos das altas esferas para nos falar em segredo.
Na vila d'Ys, a catedral submersa deixa-se ver de tempos em tempos. Tal nosso maior castigo: de vez em quando nos olharmos. O toque dos sinos, o coro dos monges, a pavana para uma infanta defunta nos despertam afinal na Ilha Feliz. De novo o templo se esconde no fundo do oceano para retornar com você. A carne é forte, mas acaba.

O espírito persiste fraco, cintilando no negrume do Nada. Crianças brincam nas esquinas da vida. Você compõe a trilha sonora do universo e todos a seguem. O sopro nos foi dado, inventamos as cordas. Tudo em você é sopro e corda. Depois do seu acordo com Ele, sopram melhor os ventos, vagas ondeiam firmes. Depois desse acordo, sons e perfumes, acordes, nuvens, ventos, véus, o mar salpicado de velas, uma Ibéria peregrina, a jovem dos cabelos de linho: tudo vira prelúdio para o Nada que jamais ocorre.

Tudo em você é motivo para completar a obra de Deus. Eternamente Ele descansa. Você nos quer divinos e nos aquieta o coração.

2. NOVA MÚSICA AQUÁTICA Ó Rio Doce, quanto da tua lama são lágrimas de quem te ama! Valeu a pena o verso de Pessoa? De Drummond, o aviso-poema? Nada vale nada se a alma é pequena. Reside remota esperança nas histórias de toda infância. Existem urgentes cuidados nos temas da nossa sinfônica. Rápido reúnam músicos exímios em Linhares, Colatina, Baixo Guandu para tocarem peças clássicas e de nós afastarem os rejeitos da cobiça, palavras gastas e omissas, a negligência feita com pesados metais. Em Linhares toquem Villa-Lobos, Guarnieri, Guerra Peixe para relembrarmos os antepassados vindos de terras portuguesas, de campos africanos, das matas daqui mesmo e que resistiram a tudo. Nós também resistiremos! No programa em Colatina incluam o Concerto de Varsóvia de Addinsell para homenagear os bravos poloneses de Águia Branca. Também resistiremos! Em Baixo Guandu não se esqueçam de Handel, Verdi, Wagner para celebrarmos brasileiros, italianos, alemães desbravadores de selvas e que a tudo resistiram.

Sim, também resistiremos! O mundo todo marcou um encontro no Rio Doce. Os sons da orquestra capixaba combaterão a lama percorrerão o imenso vale, animando as pessoas para as lutas que virão. A chama da vida retornará aos poucos, trazida por cordas, sopros, percussão. A todos chegará o apelo musical – aos peixes mortos, às algas desmilinguidas, às avermelhadas pedras, aos pássaros caídos. Haverá lagostins novamente nas rochas submersas em Mascarenhas. Os cascudos voltarão às suas locas na altura de Barbados. E em Regência Augusta, perto do mar, águas limpas verão de novo os pulos dos robalos. Resistiremos. Resistiremos sempre. Como a infância resiste dentro da gente. Como o futuro resiste em cada criança.

#### 3. TERCEIRA RAPSÓDIA

O silêncio dos espaços infinitos é próprio de Deus. Nasceram Dele os cantos dos astros em noites azuis, as árias que as divas gorjeiam, até as buzinas klaxon dos carros em ruas parisienses nos anos 20. Mas o silêncio Ele não cedeu. O silêncio é o próprio Deus. Para compensar a ausência criaram o amor, enlatado desde 1869, igual às sopas Campbell. Almas e corpos. Amores e sopas.

Produzidos em série para fazerem de cada homem um rei. Não fizeram. E inventamos um tempo de verão, com peixes a saltarem alegres. Verão de pais sempre ricos, mães bonitas sempre, crianças sem chorar por nada e uma canção de ninar, terna como a do boi da cara preta. Somos culpados se o verão domina a Terra com verdades insanas? Basta subir o preço do algodão. Basta os peixes brilharem nas águas da Carolina do Sul. Basta fazer calor e as pessoas fumam, bebem, gemem umas sobre as outras em acalantos. Logo um barco parte para Nova Iorque: muitos nele vão, embalados por visões com noites espessas de fumaça, álcool, gozo para fácil esquecerem os fatos da vida. Pros andarilhos do mundo, nós todos, abrimos larga estrada de sonhos. Paris nunca mais foi a mesma depois de buzinarmos na sua alma. Por ela flanamos, caipiras que pegam amores e sopas em prateleiras de lojas. Caipiras sim, mas com dinheiro no bolso. Não vencemos o mundo - só Ele o fez. Apenas fizemos a América. Dizem ser a América maior que o mundo e Hollywood, maior que a América. A vida é injusta, mas existe música –

o swing do clarinete convida para um soluço ou uma risada. Dispomos notas em nosso Gênesis de olho no bife com fritas da sobrevida. Quantos de vocês sofreram martírios? Fundamos o cerne da modernidade, o ritmo da luz, o ritmo para ser feliz. Corram para um Youtube qualquer, teclem "days can be sunny" e pronto. Eis o ritmo de um mundo novo, o ritmo de tagarelar o dia todo. O amor, nós o tiramos das latas. As sopas Campbell acabarão um dia, mas o amor, livre em letra e música, esse veio para ficar. O resto é Silêncio, o outro nome Dele.

## Discurso de recepção a Adilson Vilaça na AEL

#### Francisco Aurelio Ribeiro

Professor. Escritor. Pertence à AEL, cadeira 06.

Caros acadêmicos, senhores e senhoras presentes. É uma grande alegria para nós, acadêmicos, receber, no seio da Academia Espírito-santense de Letras, Adilson Vilaça de Freitas, esse ilustre escritor que, desde a juventude, tem narrado aos capixabas histórias que nos comovem, ensinam e educam sobre o nosso passado, a nossa cultura e a nossa formação étnica. De origem mineira, se é que se sabe chamar de Minas Gerais àquela região do contestado onde nasceu, na aldeia de Cuparaque, no Vale do Rio Doce. Ainda na década de 1950 sua família mudou-se para o Espírito Santo – Adilson viveria a infância em Ecoporanga, noroeste capixaba, cenário que marcou grande parte de seu imaginário de escritor como esse fabuloso romance épico, "Cartas Fantasmas", a ser lançado aqui, após sua posse.

Em Ecoporanga, Adilson cresceu junto com os quatro irmãos, primos e agregados, ouvindo histórias no rádio e, sobretudo, as histórias contadas pela avó paterna, filha de negros e de índios krenaks, enquanto aprendia a leitura com a Dona Ruth, na escola primária. Aprendido o universo das letras, Adilson leu o "Moby Dick", da biblioteca escolar e aí passou para os clássicos nacionais e internacionais. Seu pai trouxe de Mantena um dicionário, "o livro mais gordo que já vira", e seu grande prazer passou a ser a descoberta de novas palavras e seus significados. Ainda criança, descobriu sua paixão por Machado de Assis, que, em sua visão infantil, era maluco e o fazia rir.

Na década de 1970, o desmatamento e a erradicação dos cafezais provocou um imenso êxodo rural naquela região. Os 86 mil habitantes de Ecoporanga, conforme o censo de 1960, caíram para 13 mil, no censo de 1970. Muitos capixabas foram para o Mato Grosso, Rondônia ou Acre, em busca de novas terras para desmatar e viver. A família do Adilson veio para Colatina, onde estudou no Conde de Linhares e no Marista, como bolsista, por causa de sua habilidade em jogar futebol. Como futebolista, Adilson jogou no time dos Maristas, no Colatinense e no São Silvano e pôde desenvolver sua paixão pela literatura, incentivado pelos bons professores que teve e pela boa biblioteca da escola. Lá, leu tudo que pôde, e se apaixonou pelo realismo fantástico de Murilo Rubião em "O Pirotécnico Zacarias". (Faço uma pausa aqui para reforçar a importância que as bibliotecas escolares e públicas tiveram em nossa formação de meninos pobres criados sem livro em casa e com pais pouco escolarizados).

Em 1974, Adilson Vilaça foi para o Rio, onde o irmão Umberto estudava Medicina. Lá, formou-se Técnico em Química e desistiu de fazer o vestibular para Medicina. Foi para São Paulo, onde tentou sobreviver, sem se adaptar. Voltou para Colatina, em 1975, onde passou a lecionar Química. Fez o curso de Torneiro Mecânico, no Senai e trabalhou na Cofavi. Em 1976, passou no Vestibular de Comunicação Social/Jornalismo, na Ufes, concluindo o curso em 1981. Também na UFES cursaria Especialização em História Política e o Mestrado em Letras/Literatura. Além do Jornalismo, Adilson Vilaça atua como Professor Universitário e Pesquisador na UVV e em outras instituições de ensino.

Entre os anos de 1980 e 1983, Adilson Vilaça venceu três concursos literários no Espírito Santo, entre eles o Prêmio "Geraldo Costa Alves". Esta premiação, concedida pela Fundação Ceciliano Abel de Almeida, foi com o livro de contos "A possível fuga de Ana dos Arcos", primeiro livro do autor. Autor de mais de 40 títulos – contos, crônicas, novelas, romances, ensaios e pesquisas –, Vilaça recebeu do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo o Prêmio "Almeida Cousin", em 2000, pelo conjunto de sua obra. Sua pesquisa para produzir o romance histórico Cotaxé duraria mais de uma década,

a ouvir fontes que conhecera na infância e a coligir testemunhos de novos depoentes. A delimitação temporal do romance é a primeira metade da década de 1950, com apoio no relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito levada a efeito em 1953, pela Assembleia Legislativa Espírito-Santense. No rastro da formação e da derrocada do Estado União de Jeovah, em 1962, ocorreria importante Revolta Camponesa na mesma região, sobre a qual se instalaria nova CPI a fim de apurar o massacre dos insurgentes. A repressão aos rebelados provocaria êxodo rural de grande dimensão, que despovoaria o Noroeste capixaba de forma irreversível, de maneira a substituir a sedição por uma paz de cemitério. Sobre a Revolta Camponesa de Ecoporanga, Vilaça ora lança este seu mais novo romance, "Cartas Fantasmas", com o subtítulo "Era uma vez em Ecoporanga", cuja aventura histórica é uma espécie de continuidade do romance "Cotaxé", sua obra mais conhecida e que já virou filme, documentário, tema de monografias, dissertações e teses. Com ela, Adilson revelou ao Brasil uma história desconhecida do povo brasileiro, ainda que situada na região mais rica do país. Em "Cartas Fantasmas", o autor desnuda a violência de nossa formação, colocando em cheque o mito do brasileiro cordial e pacífico.

Adilson Vilaça, como escritor, é herdeiro da tradição literária de índios, africanos e europeus, um autêntico contador de "causos", o griô da herança africana, misto de poeta, cantor e músico ambulante, pertencente a uma casta especial que, além de cronista e detentor da tradição oral do grupo, também exerce atribuições mágico-religiosas em sua tribo, pela força espiritual de sua palavra. Entre nós, a Academia Espírito-santense de Letras teve dois outros griôs, o saudoso Hermógenes Fonseca, o Mestre Armojo, e Renato Pacheco, o professor Renato, mestre de toda uma geração. Adilson Vilaça vem se juntar a essa trindade de griôs, que tanto enriquece a cultura capixaba.

Incluído na antologia dos cem maiores escritores brasileiros de origem africana organizada pela UFMG, ao lado de Machado de Assis, Lima Barreto, Luís Gama e Solano Trindade, dentre outros, Adilson Vilaça de Freitas carrega consigo o mito africano de Ananse, a aranha que tece uma longa teia até o céu para buscar as histórias

guardadas pelo Deus Nyame, em sua caixa de ouro, ao lado do trono. Ananse, em sua forma humana, era velho e pequeno, mas muito esperto; comprou de Nyame o baú de ouro cheio de histórias e o levou para sua tribo. Quando o abriu, as histórias começaram a sair, uma atrás da outra, e foram-se espalhando por todas as partes do mundo. Adilson Vilaça é o guardião do baú de Nyame, o nosso Ananse em terras capixabas, e tem espalhado entre nós suas histórias, tornando nossa jornada mais suave nesta terra, que já foi a "terra sem males" dos tupis-guaranis, o "eldorado", dos conquistadores europeus e a "Canaã" dos imigrantes. Num tempo de guerra entre irmãos, de "homens partidos", de violência generalizada, de perda de humanismo e de nossa capacidade de sonhar, Adilson Vilaça nos lembra, com suas obras, que a literatura nos humaniza, pois, segundo o mestre Antônio Candido, "confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante". Adilson Vilaça de Freitas, seja bem-vindo à Academia Espírito-santense de Letras, a "Casa Professor Kozciusko Barbosa Leão", que por direito e justiça é, também, agora e para sempre, sua.

## Renato Pacheco e Miguel Depes Tallon (Entrelaçamentos)

#### GETÚLIO MARCOS PEREIRA NEVES

Magistrado e Escritor. Pertence à AEL, cadeira 33.

Miguel Depes Tallon (1948-1999) nasceu vinte anos depois de Renato Pacheco (1928-2004). Uma diferença considerável, até determinada altura da vida. Mas que nada significa a partir de certo ponto, quando então o que passa a valer são as afinidades pessoais, em virtude de circunstâncias externas ou dos gostos comuns. Miguel Depes Tallon veio da sua Cachoeiro de Itapemirim natal para Vitória nos idos dos anos 60 do século XX. Por essa época obteve suas duas graduações, em História e em Direito, e iniciou a vida associativa, presidindo o Centro de Estudos Históricos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo. Começou a lecionar em 1962, no Instituto Rio Branco, em Cachoeiro de Itapemirim. Professor precoce, como o foi Renato Pacheco. Este iniciou a sua longa vida letiva aos 17 anos de idade, substituindo o professor Guilherme Santos Neves na cadeira de Português do Colégio Estadual do Espírito Santo (como concursado, aí lecionou História Geral de 1951 a 1957). Entre outras, Miguel também lecionou na mesma escola, inclusive na mesma cadeira de Português, e foi professor de História (Geral e do Brasil), como Renato.

Ambos iniciaram a vida pública envolvidos por questões administrativas e de pessoal: Renato Pacheco ingressou no serviço público em 1948 (ano de nascimento de Miguel), aos 19 anos de idade,

quando foi admitido por concurso público no cargo de Oficial Administrativo. Já no ano seguinte, em 1949, foi nomeado em comissão para o cargo de Diretor da Divisão de Pessoal do Departamento do Serviço Público, que deixaria no ano seguinte, justamente em virtude de sua nomeação como professor catedrático de História Geral. Preocupado com o aperfeiçoamento dos quadros (preocupação que manteve ao longo da vida e o levaria a propor a criação das Escolas da Magistratura no Brasil), Renato sugeriu, quando ainda Diretor de Pessoal do DSP, a criação de uma Escola de Aperfeiçoamento do Servidor Público, infelizmente não implantada. As questões que enfrentou nesse período procurou sistematizá-las na série de artigos Questões de Pessoal, publicada na extinta Revista do Departamento do Serviço Público do Espírito Santo.

Por sua vez, recém-formado, Miguel começou no serviço público em 1971, dirigindo a Divisão de Pessoal da Prefeitura Municipal de Vitória; em 1972 chefiou o serviço de Implantação e Controle de Rotinas da Secretaria Estadual de Administração e em 1973 (ano em que Renato encerrava a carreira na magistratura), era diretor do Departamento de Administração da Prefeitura Municipal de Vila Velha. Talvez viesse daí também, e não só do exercício da docência, o incontestável jeito de ambos para lidar com o público. Mas certamente daí veio o jeito de ambos para organizar e implantar rotinas e serviços (ambos, a seu tempo, presidiram o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo).

Em 1976, Miguel ingressou nos quadros da Universidade Federal do Espírito Santo como professor-adjunto. Em julho daquele ano oferecia a Renato Pacheco seu livreto História do Brasil (do descobrimento ao período regencial), súmula das aulas que ministrava na época no Curso Integral, o fazendo mediante cerimoniosa dedicatória: "Ao Dr. Renato, com a admiração e amizade do Miguel. 13/07/76". Como referido, nessa época, e desde 1973, Renato Pacheco estava de volta a Vitória de pouco mais de dezesseis anos de andanças pelo interior do estado como juiz de direito. Daí, da convivência na Universidade, estreitou-se a amizade entre ambos.

1976 foi um ano relevante na vida de Miguel: além da sua admissão na Universidade Federal, foi admitido também nos quadros do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. Corria a longa gestão de Alberto Stange Jr., durante o período em que as atividades do IHGES estiveram prejudicadas pela reforma da sede (a demolição do prédio do antigo Clube dos Boêmios e construção do edifício Domingos Martins); o fato é que, recém ingresso na casa, Miguel já passou a integrar a Comissão da Revista. Renato Pacheco, admitido no IHGES em 1953, na altura da admissão de Miguel ocupava na Diretoria o cargo de vice-presidente.

Como dito acima, ambos presidiram o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo: Renato de 1991 a 1993, Miguel de 1996 a 1999. Na gestão de Renato Pacheco foi celebrado o convênio com a Prefeitura Municipal de Vitória, que permitiu a Miguel publicar inúmeros títulos nas séries editoriais criadas pelo IHGES: 67 títulos, como registrou na Revista do IHGES n.º 52, de 1999, ano em que faleceu, apenas iniciado o segundo mandato.

Tanto um como o outro eram dados a incentivar jovens escritores, do que sou testemunha. Miguel não só incentivava como cobrava produção; atesta-o o próprio Renato Pacheco, na dedicatória do seu Pedra Menina (Vitória: Editora Instituto Histórico, 1999): "para o extraordinário intelectual Miguel Depes Tallon, aos amigos, o maior provedor de obras primas e o máximo cobrador de novos textos". Um dos traços da personalidade de ambos era a generosidade.

Em entrevista ao acadêmico Oscar Gama para a Revista Você, n.º 50, Renato Pacheco revela ter assumido o compromisso de escrever sobre o Espírito Santo, "sentindo a falta que havia aqui de escritores que procurassem fazer trabalhos de ficção mais profundos e abrangentes sobre a nossa terra". Sabemos que essa sua dedicação deu frutos, de que podemos referir A oferta e o altar (Rio de Janeiro: GRD, 1964); Fuga de Canaã (Vitória: FCAA/UFES, 1981); Reino não conquistado (Vitória: FCAA/UFES, 1984) e o referido Pedra Menina. Miguel, cuja obra literária estava em construção quando nos veio a faltar, vinha seguindo a influência de Renato em verso e prosa. Atestam-no seus Marília (Vera Cruz) (Vitória: Grafitusa, 1992) e Depois de abril (Vitória: IHGES, 1997), em prosa, e o Pequeno roteiro lírico de Cachoeiro (Vitória, 1995) e Romanceiro do Rio Pardo (Vitória: IHGES, 1999), em verso.

A admiração era recíproca; ambos de fato se reconheciam portadores de interesses comuns, que cultivavam com esmero. Entre estes, talvez o maior deles, o Espírito Santo. O que refletiu nas produções respectivas: resenhando o Depois de abril para o Boletim do IHGES n.º 15, Mar/abr 1999, Renato enxergava semelhanças entre a Vera Cruz de Miguel (que define como um enxerto de Itapemirim e Cachoeiro de Itapemirim) e Ponta d'Areia, que, lembrou-se, criara há quase quarenta anos n' A oferta e o altar. Em que pese aí certa diferença de "matéria-prima" de escrita no trato do tema, memória e História, para um, pitadas de realismo fantástico, para o outro. Já Miguel externou sua admiração pela obra de Renato fazendo dela seu objeto de estudo na dissertação que tencionava apresentar ao mestrado em Literatura Brasileira, iniciado em 1995 na Universidade Federal do Espírito Santo. Infelizmente, História e Ficção em Renato Pacheco (Vitória: Editora Instituto Histórico, 2000) restou inacabado, como de resto a sua obra literária. A essa verdadeira "imbricação" de interesses fez menção Geraldo Matos, na introdução àquele que foi o derradeiro texto científico de Miguel: "falar da obra de Renato Pacheco era-lhe encontrar consigo mesmo, com sua própria cosmovisão da história".

Em De que hablo quando hablo de escribir (Buenos Aires: Tusquets, 2017) Haruki Murakami duvida da amizade entre escritores; mais, afirma não acreditar que uma amizade verdadeira entre pessoas assim (escritores, para ele, são pessoas egoístas, geralmente orgulhosos e competitivos) possa durar muito tempo. Felizmente para a cultura do Espírito Santo não foi o que se viu da convivência dos dois autores, cuja amizade de mais de vinte anos influenciou, em maior ou menor grau, a obra de ambos nos seus diversos segmentos. A digressão acima é uma pálida tentativa de iniciação ao tema.

## Uma Descoberta no Interior da França

### GRACINHA NEVES

Poetisa e Musicista. Pertence à AEL, cadeira 23.

Uma das minhas recordações mais remotas e agradáveis é a dos dias que passamos em Châteauvillain... (Simone de Beauvoir)

Eu tive a oportunidade de passar alguns dias em Châteuvillain, a convite de amigos, pequena cidade que fica na região Grão Leste e no Departamento Haute-Marne da França. A vila bem agradável, pois, é cercada de florestas nativas e com um clima muito ameno.



(Ruínas do antigo castelo)

Ao passear pela Vila plena de casarios, de muitos séculos passados, me deparei com uma placa presa a um grande muro, onde foi no passado a casa da avó de Simone de Beauvoir.

Eu tive então a curiosidade de penetrar um pouco mais na vida daquela que sempre admirei mas, que num certo período de minha vida, na fase de adolescência, eu e minhas colegas de Escola fomos proibidas de ler suas obras... Eu era aluna do Colégio Sacré Coeur de Marie, e a nossa mestra de português e literatura, Mère Agnès, mesmo sendo de mentalidade avançada, proibiu a nossa turma de ler os livros de Simone, por considerar uma leitura extremamente forte, em termos de ideologia pra nossa idade. Nós, tínhamos as idades entre 13 e 15 anos ... eu me lembro que algumas amigas leram às escondidas, porém, eu me mantive obediente e não ousei ler o que não me convinha naquela época.

No dia seguinte, para melhor conhecer a Vila Châteauvillain, acordei às 6:00 horas da manhã, e juntamente com os amigos, fomos ver os animais na floresta, onde alces e veados passeavam tranquilos soltos e livres nos arbustos dentre as estradas. Foi uma experiência diferente, pois acordar cedo para mim é um suplício.

Mais tarde, estando hospedada ao lado da mansão, onde Simone de Beauvoir passava suas férias, a terra natal de Françoise Moret, a avó materna, tive a curiosidade de fotografar e me sentar num banco de uma pequena praça, admirando o lugar. Conversando com velhas senhoras da cidade, de aproximadamente entre 90 e 95 anos, fiquei indagando sobre alguns detalhes da família de Simone, já que havia citação de textos da mesma em vários estabelecimentos, e surpreendentemente até nas padarias.





O que a história conta é que também morava no belo casarão, a sua velha tia Alice que havia perdido seu marido e a filha, passando a viver sozinha, cheia de manias e toques. Nesse casarão, lá brincavam Simone com sua irmã mais nova e as suas bonecas, que as vestia com lindos modelos de roupas francesas. Ela divertia-se no grande e belo jardim, onde havia flores por todos os lados até mesmo nos muros da casa, nos quais pude constatar e me imaginar no interior da mesma, vendo de perto cada canto da casa.





"O jardim era cheio de coníferas bem aparadas, com o cheiro adocicado dos buxos e sob caramanchão de belas roseiras" citado no seu livro, "Memórias de uma moça bem-comportada". Simone revela vários fatos de dias agradáveis no velho casarão, que segundo ela, a cidadela com suas ruelas e janelas ornadas com trevos e corações, e o "le parc des daims" parque onde os veados e as donzelas corriam soltos, lhes inspiravam ar de prazer de tempos vividos entre família.

Lá, na vila de boas lembranças, era extremamente paparicada pelas velhas solteironas do lugar, que lhe faziam festa... "Dona Elisa fazia especialmente pra mim, pães de mel em forma de coração, já Dona Martha, tinha um camundongo branco que parecia mágico, vivia numa caixa de vidro, onde tinha uma fenda", e ela conta que com seu primo introduziam um papelzinho escrito com uma pergunta e o bichinho rodopiava e apontava o focinho para um escaninho onde se encontrava a resposta impressa numa folha de papel... brincadeiras eram partilhadas em suas memórias no seu viver em férias na cidade

de Châteauvillain... muito lhe impressionavam os ovos decorados à carvão, que as galinhas do Dr. Masse, um dos vizinhos de sua avó, colocavam e ela própria ia buscá-los com as suas mãos para enfim ornamentá-los ao seu gosto.

Simone já era uma menina de temperamento forte, pois, ela mesma descreve suas birras ainda muito criança. Contava ela, que quando sua mãe não lhe fazia as vontades e atendia aos seus caprichos, ela se jogava em cólera, ao chão das calçadas com pirraças terríveis, e que muitas vezes lhe causavam ferimentos nos seus joelhos... Segundo ela relata "que nem o olhar tempestuoso de minha mãe, a voz brava de Louise, e nem as intervenções extraordinárias do meu pai, me faziam parar de chorar quando eu começava a berrar alto"...

Em um dos dias, estando num dos parques com Louise, Simone ao chorar forte e durante muito tempo, chegou uma senhora e se expressou: "Coitadinha, tome uma bala"... o qual foi motivo para ela agradecer à pobre senhora com um pontapé. O que causou um grande constrangimento pra toda a sua família e a vizinhança da vila.

Simone tinha suas preferências, já se demonstrava possessiva, por exemplo, a boneca chamada por ela de Blondine, caída do céu numa noite de Natal com a sua maleta, contendo um lindo enxoval; não deixava ninguém pegar. Era ela, e só ela! Louise, era a sua ama seca, a babá que lhe guardava no dia a dia, que tinha somente olhos pra tomar conta de Simone e também de sua irmã mais nova. Louise era uma jovem sem vaidade, e que nunca erguia a voz, nunca ralhava sem razão. Expressado em suas memórias [...] "minha mãe mais distante e mais caprichosa, inspirava-me sentimentos amorosos; eu me instalava no seu colo, na doçura perfumada de seus braços". O pai me parece ter sido ausente, um homem de trabalho e negócios, mas Louise era sua maior segurança. "Sua presença era-me tão necessária e parecia-me tão natural quanto a do chão a meus pés." Elas dormiam no mesmo quarto, e a noite Louise lhe contava muitas histórias, mostrando as figuras dos livros, explicando sobre os animais da vila e, em especial a história sobre Charlotte.

Ao mesmo tempo, que ela era dócil, alegre e feliz ao ponto de se sentar ao ar livre, no qual "a brisa da tarde acariciava os arbustos, tocava-me levemente, batia-me no rosto e eu me entregava à sua doçura, à sua violência"; ela se debruçava em momentos de raiva, se batendo e se flagelando... Eu pude sentir e imaginar quanto sofrimento para uma menina de doze anos, que em vários momentos de cólera, se colocava em conflitos internos, a deixando confusa. Eram situações perturbadas para uma adolescente, que já preconizava um amanhã \_ "morreria e ressuscitaria na minha glória; nenhuma vida, nenhum instante de nenhuma vida poderia cumprir as promessas com que eu enlouquecia meu crédulo coração".

A prova disso é que, aos doze anos, ela com suas ideias malucas, se trancava no quarto, se esfregava com pedra-pomes, uma espécie de pedra que hoje em dia não se usa mais, e se autoflagelava, pois esfregava a pedra até sangrar que auxiliava inclusive com uma corrente de ouro usada no seu pescoço. Segundo constata Simone que "o flagelo deu poucos frutos" ela achava que, como o que lia nos livros devotos, registrava que as almas subiam e venciam obstáculos, e após cairiam num vago espaço cheio de orvalho com bênçãos celestiais, que as consolavam; portanto ela tentou, mas foi pura aventura.

Aos quinze anos, ela passou o feriado do dia 14 de julho em Châteauvillain, apesar de ser a festa nacional da França, a mais importante, dia da Queda da Bastilha, foi um dia triste pra família pela morte da tia Alice, que Simone a tratava como a "tante" má das histórias dos livros infantis. O que ela jamais lera, a não ser pelas mãos e falas de Louise, pois às escondidas durante a noite, ela lia Balzac, e outros que lhe interessava, pois desafiava lendo obras que lhe integravam ao mundo avançado! "Graças a elas, eu me libertava da infância, entrava num mundo complicado, aventuroso..."

A igreja que Simone frequentou na infância, nos dias de férias na casa da Avó Tinha horas de meditação com a família, frequentando as cerimônias religiosas do lugar, onde muitas vezes rezava, tentava tornar a presença divina em seu coração, mas "Na realidade, enquanto intelectualmente cada vez mais eu me elevava para o saber, nunca tinha a impressão de me haver aproximado de Deus". Ela era desde criança, menina prodígio, pois os seus avós, tios, tias, primos, sua família abundante já lhe assegurava grande importância, que ao meu ver, estimulou a sua sagacidade precoce.

Simone declara em diversos momentos registrados, a sua vitalidade fogosa na idade tenra da vida...ela se colocava como protegida, mimada, divertida com a incessante novidade das coisas, [...] e se perguntava---"Interroguei a mim mesma muitas vezes acerca da razão e do sentido de minhas fúrias. Creio que elas se explicam, em parte, por uma vitalidade fogosa e por um extremismo a que nunca renunciei completamente".

Teria sido Simone, uma menina rebelde? ou suas contradições tenham sido por razões diversas, as que seus pais lhe impuseram na infância? Filha de uma família aristocrata, plena de preconceitos, teria contribuído para a sua impulsividade e chegar aonde chegou? Simone, a meu ver, representa tudo, inclusive pelo pouco que aprendi sobre ela, tinha um caráter extremamente forte, uma mente liberta, com uma maturidade viril, não muito apropriada a uma moça da época.

Registro seus fantasmas, "Levando minhas repugnâncias até o vômito, meus desejos até a obsessão, um abismo separava as coisas de que gostava das de que não gostava. Não podia aceitar com indiferença a queda que me precipitava da plenitude no vácuo, da beatitude no horror". Eu imagino o que Simone teve que enfrentar em relação a aceitar os conceitos e preconceitos de uma época, pois vivendo na tradicional e requintada família francesa, seus conflitos desde menina a tornaram ousada e intempestiva, que só poderia entrar na história de um país modelo do mundo, como reacionária. "Sempre que pressentia com ou sem razão que abusavam de minha ingenuidade, a fim de me manobrarem, eu me revoltava. Minha violência intimidava".

Eu entrei tardiamente para conhecer esse fenômeno da literatura francesa, dado às várias circunstâncias, eu não sou contrária ao feminismo, mas não sou feminista, porém pretendo explorar algumas obras de Simone de Beauvoir, no intuito de conhecer melhor o seu universo mais amplo, merecedor de milhares de leitores desde seu tempo até os dias de hoje.

Finalizo, com alguns dados sobre Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir, simplesmente para registro. Nasceu em Paris, 9 de janeiro de 1908 e morreu em Paris, 14 de abril de 1986. Escritora, intelectual, filósofa existencialista, ativista política, femi-

nista e teórica social francesa. Simone, embora não se considerasse uma filósofa, teve uma influência significativa tanto no existencialismo feminista quanto na teoria feminista. Ela faleceu em 14 de abril de 1986, aos 78 anos de idade, por conta do agravamento de uma pneumonia. Seu corpo foi enterrado no Cemitério de Montparnasse, no mesmo túmulo de Sartre, seu companheiro por longos anos. E, lá fui eu levada pela emoção, visitar o túmulo dos dois.



## Por ocasião de minha escolha para a Academia Espírito-santense de Letras.

## Humberto Del Maestro / José Pereira Lins

Humberto Del Maestro (AEL. Cadeira 20) e José Pereira Lins (Professor e Acadêmico da Academia Douradense de Letras e da Academia Sul-matogrossense de Letras. Sócio correspondente da Academia Espírito-santense de Letras)

O Estado do Espírito Santo é um irresistível apelo ao turismo. Conhecê-lo através de cartões postais que de lá nos vêm é como sentir o cheiro saboroso do vinho impregnado em nossas narinas, sem contudo prová-lo. Seus monumentos e casarios antigos milagrosamente conservados, nos levam ao começo desenvolvimentista da nossa história; seus lugares naturais, obras artísticas da natureza, nos dão maravilhosas lições de preservação ambiental; suas praias, em tudo semelhantes às mais belas do país, consideravelmente mais limpas e seguras, nos levam a desejá-las para a aconchegante intimidade com o calor das águas. Tudo isso, para o comum dos mortais; para os que só buscam os marcantes prazeres do cotidiano viver. Mas os intelectuais juntam a esses, os indeléveis gozos do espírito: saber que estão pisando o chão que tantas inteligências nobres palmilharam. Relembremos, num ápice de tempo, os nomes de Manoel Jorge Rodrigues, poeta e prosador; Cleto Nunes Pereira, abolicionista convicto e militante; o escritor José Marcelino Pereira de Vasconcelos; o republicano histórico Domingos José da Rocha; o poeta e chefe da Revolução Pernambucana, que inquietou a coroa no ano de 1817, José Domingos Martins.

Ora, essa introdução talvez longa, está incorporada, desde o início, à homenagem - e dela é inseparável - que nós da Academia Douradense de Letras, dedicamos a um poeta e rei, cantor máximo de emoções. São poucos os escritores que tem intensamente incorporado facetas de sua personalidade à sua obra, como tem feito Humberto Del Maestro, a quem este pálido artigo é consagrado. Ele parece sair pelas terras de "Pindorama" a catar preciosas amizades, das quais falou o seu colega Gonçalves Dias: "-União, virtude, encanto, consórcio de querer, da força e d'alma..." ou, citando o pensamento místico do Padre Souza Caldas: "mais durável que a vida é a amizade, a teia delicada que a virtude teceu...". Humberto Del Maestro é esse homem: sacerdote da amizade, poeta de maravilhosos versos de ontem, de hoje e de todo o sempre, que nos enche o sono de maviosos sonhos e canções; criador de trovas e de inéditas formas de "haicais" renovadoras da tradicional maneira de tratar. incorporando-se à literatura nacional na mesma galeria dos imortais Adelmar Tavares e do "Príncipe" Guilherme de Almeida. Em tudo ele representa o seu Estado natal: a dignidade dos seus escritos, na majestade dos seus edifícios. Sua têmpera de aço e de ferro, está nas montanhas; a fluidez dos seus versos, nas águas tépidas das praias; a beleza da sua poesia, no céu fulgurante e palmilhado das estrelas que cobrem Vitória e a luz de sua alma pura toda ela dedicada à beleza que irradia "das letras do alfabeto".

É pouco o que dizemos a respeito. Mas o que nunca pudemos entender é o "porquê" somente agora, e somente agora, repetimos, o HUMBERTO DEL MAESTRO foi convocado para ocupar a sua cadeira cativa na galeria dos imortais? Quem sabe que isso foi feito para que o país se conscientizasse de que as "coisas do espírito" estão em oposição às "coisas da carne", e que para vencê-las deve-se ter a paciência de Jó. Poeta, prosador, crítico literário, jornalista, pensador e filósofo – tudo isso, mais as belezas do espírito, sem prejuízo de nenhum dos atributos da formação de u m homem íntegro, que busca na amizade e no amor os maiores diademas ornamentais da fronte de um HOMEM.

## Pelas mãos dos avós.

## Joana d'Arc Batista Herkenhoff

Professora. Doutora em Letras.

Pelas mãos dos avós (2018) é o novo livro do escritor, professor e pesquisador Francisco Aurelio Ribeiro. O livro traz no subtítulo a expressão "Quase memória" e, como o livro de Carlos Heitor Cony, com esse nome, mescla memória e imaginação ao relato histórico, passando às mãos dos netos, Clarissa, Vicente, Luísa e Antônio, a quem dedica a obra, o legado da ancestralidade, que apela por continuidade, unindo no fio do tempo, passado, presente e futuro.

Com sua prosa fluida, o autor dá voz aos avós maternos, o imigrante italiano radicado no Espírito Santo, Aurélio Ricci e também a avó, Florcinda da Conceição Ricci, descendente de índios e negros. Na voz deles ecoa a voz do menino que conviveu com os avós, no idílio das férias escolares e a voz do historiador e pesquisador de hoje. Suas "quase memórias", de certo modo, também são nossas, pois na perspectiva de Le Goff (2010), a memória comporta uma dimensão social de pertencimento cultural e étnico. Assim, as memórias de cada sujeito trazem também a memória da comunidade a que pertencem.

O livro, com rica iconografia, fotos de família e outras imagens como os registros fotográficos de índios botocudos feitos por Walter Garbe, no início do século XX, no Espírito Santo, é um manancial para pesquisadores, escritores e leitores em geral que ali vão encontrar matéria para "as despesas da conversação" (M. de Assis), quem sabe, inspiração para a escrita de outros livros e, com certeza, uma contribuição inestimável para a história do estado.

A obra soma-se a outras, como *Karina* de Virgínia Tamanini, que tiram da História, stricto sensu, a exclusividade do registro do passado e tem lugar assegurado nas escolas onde pode se somar aos acervos que contemplam a Lei 10.639/03, alterada pela 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental e médio.

Quem espera encontrar história de colonizadores se decepcionará, pois o livro não mitifica o tronco ariano da cultura capixaba, apresentando a diversidade cultural que sempre esteve presente na sua constituição.

A população era muito misturada, pois havia gente de todas as raças e cores: brancos já mestiçados de origem portuguesa, negros e índios, agora acrescidos de italianos bem claros, de olhos azuis, vindos do norte da Itália ou mais morenos vindos do sul, os napolitanos ou sicilianos. Eu que estava acostumado a ver gente sempre clara, do mesmo tipo, comecei a conviver com pessoas de todas as raças e cores. E aprendi a gostar disso. (p. 49)

O livro mostra a convivência entre negros, indígenas e italianos, abordando situações de exploração e expropriação, e denuncia o genocídio dos índios Puris pelo violento processo de colonização na região do Caparaó. Por meio da velha Caiana, índia acolhida pela família Ricci, valoriza o legado cultural presente nas lendas e histórias indígenas, em seu conhecimento sobre as plantas e seus poderes nutricional e curativo e em práticas culturais como a pesca, o cultivo da mandioca e seu beneficiamento.

Assim como as mãos grandes e afetuosas do avô lhe apresentam o mundo do trabalho pesado, o trato com animais, o cultivo de hortas e a marcenaria, as mãos pequenas e deformadas pela artrite reumatoide da avó lhe mostram a beleza, nas colchas de crochê que tecia, nas orquídeas que cultivava e as delícias à beira do fogão.

A mistura cultural se faz presente no léxico. Ao longo da narrativa, deparamo-nos com expressões como: mammas, nonas, lavorar, coivara, miuim, tipiti, caititu, manipuera. Com seu leitor, o autor

compartilha também segredos sobre os hábitos daqueles imigrantes italianos, como o fato de serem pouco afeitos ao banho, no que diferiam dos indígenas, imprimindo humor ao texto.

Não lhe cobremos, porém, rigor histórico, pois como nos adverte desde a epígrafe, de Oswald de Andrade, "A gente só escreve o que ouve - nunca o que houve". Para encerrar, trago outro texto que explora o par homônimo (houve/ouve), o haicai de Guilherme de Almeida:

Houve aquele tempo... (E agora, que a chuva chora, ouve aquele tempo!)

Francisco, aos 63 anos, seu tempo da saudade, tempo fértil da memória, nos conta, de modo comovido e comovente, daquele tempo de tantas histórias: ouçamos/leiamos!

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão *et al.* 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

## O percurso literário de Anaximandro Amorim

### **JÔ DRUMOND**

Escritora. Doutora em Letras. Pertence à AEL, cadeira 32.

Anaximandro Amorim, o mais jovem membro da Academia Espírito-Santense de Letras, nasceu em Vila Velha, em 1978. É bacharel em Direito, pela Ufes, e especialista em Direito Processual Civil, pela Estácio de Sá. Atualmente é graduando em Letras/Francês, pela Ufes, e professor de língua francesa, na Aliança Francesa de Vitória. É membro da Academia Espírito-Santense de Letras, da Academia de Letras de Vila Velha, do Instituto Histórico e Geográfico do ES, e de outras instituições culturais.

Veremos, abaixo, uma breve resenha de sua última obra poética, *Breviário do silêncio*, lançada em 2018, pela Editora Cousa, e, logo a seguir, alguns dados sobre suas publicações anteriores.

O mais novo livro de Anaximandro Amorim, *Breviário do silêncio*, tem projeto gráfico primoroso de Gustavo Binda, com interessantes ilustrações de Douglas Binda. O prefácio intitulado "Engenharia do Breviário", escrito pela "Dama da Literatura Capixaba", Dra Bernadette Lyra, fecha-se poeticamente: "O mundo é um circo onde a poesia é uma equilibrista a dançar sobre as débeis e tresloucadas cordas do sonho e da fantasia."

A apresentação do livro, intitulada "Um leitor, um autor", tem a autoria do Professor Eduardo Baunilha, Doutor em Literatura. Com grande sensibilidade, Eduardo nos conduz às provocações, às reflexões, às contestações, aos múltiplos sonhares, por meio dos labirintos lexicais projetados pelo poeta Anaximandro.

O livro é dividido em quatro partes, a saber: A desconstrução do Éden – 19 poemas; O limite do mito – 9 poemas; A leveza e o peso – 20 poemas; O mosaico de palavras - 7 poemas. A primeira parte me encantou sobremaneira. É voltada para reflexões filosóficas, metafísicas e ontológicas. Todos os poemas são excelentes. Destaco cinco deles, relevantes e/ou impactantes.

No primeiro, vê-se a revolta do filho enjeitado (o mal encarnado) "Caim", pela maldade do Pai todo-poderoso, por tê-lo escolhido para carregar um fardo por demais pesado.

O poema "Metamorfose" aborda o enigma das borboletas, entre flor e pássaro. Somente elas entendem o milagre da transitoriedade. "Tudo aquilo que rasteja / desconhece a transcendência."

Diversos poemas abordam a efemeridade e/ou a falta de sentido da vida. Em "Niilismo", ele afirma que "não existe verdade absoluta / nem a morte, essa grande piada / pode ser tão resoluta". 4

No poema "As coisas aqui dentro", o coração do eu lírico "é como um pêndulo / sem saber de que lado fica / é como água da bica / sem ter forma definida / é o navio /que cruza o desassossego / de um mar bravio / sem saber onde o infinito termina". Esse poema termina com a assertiva insólita de que a única certeza que se tem desta vida é a forma das nuvens.

Em "Metáfora das metáforas", o "pião" da vida roda em diferentes velocidades. Começa "ligeiro", na idade de descobrir o mundo. Em seguida é "rápido", no auge da vitalidade, cheio de sonhos, na luta para vencer o mundo. Depois vai esmorecendo, diante das aporias de tal luta. Na maturidade, de tanto lutar, só quer sossego. Na velhice, roda devagar... até parar.

Na segunda parte do livro, intitulada "O limite do mito", o ponto forte é o esmero e o burilamento lexical. Anaximandro faz jogos de palavras deveras criativos e interessantes. Partindo do conceito de que a poesia pressupõe o vazio, o nada, de que poesia não faz sentido, o "eu lírico" deixa de lado os filosofemas da primeira parte e se embrenha por jogos lexicais, com muita maestria.5"Mergulho pro fundo em / prego palavras de / compostas eu for ias sub / mitos des vai rio clichês" (excerto do poema que dá título ao livro, *O breviário do silêncio*).

Na terceira parte, intitulada "A leveza e o peso", os versos incursionam pelos meandros do amor, do sexo e do erotismo. Dizem que todo poema de amor é cafona, repleto de "lugares-comuns", mas os de Anaximandro fogem a esse clichê. O erotismo se encontra "na treliça dos corpos [...] uma teia complexa", na qual também cabem jogos de palavras: "despidos / de todos os/ pré(com)ceitos / a(fim) de me / (cha)A(mar) de / per(vertido)to".

A quarta parte, "Mosaico de palavras", a meu ver, poderia ter sido diluída nas três primeiras. Há apenas sete poemas que se encaixariam perfeitamente nas partes anteriores. Merece destaque o "Rap repente" feito com muita sonoridade, graças às rimas, aliterações, eco (repetição de palavras) e ao jogo lexical. Seu rap é um "labirinto o que sinto ab sinto ab ovo de novo no todo fonético ético etílico lírico que ri com o pobre com o nobre com o esnobe..."

O gosto pela literatura se manifestou desde a juventude, na época em que Anax (como era chamado pelos colegas) era meu aluno na Aliança Francesa de Vitória. Lembro-me perfeitamente da noite de autógrafos de seu livro infantojuvenil, *Asas de cera*, em 1995. Anax tinha apenas 16 anos. Um ano antes, ele já havia publicado um longo poema de sessenta e nove quadras em versos livres e brancos, escrito originalmente em 1994. Os versos se reportam à História do Brasil desde a época do Descobrimento até os dias atuais. Nesse poema de fôlego, o jovem já denota o talento de um escritor que dava seus primeiros passos rumo a uma promissora carreira literária. *Brasil de Ontem, Hoje e Sempre foi*, portanto, sua estreia na Literatura, com apenas 15 anos de idade.

Em *Asas de cera*, o protagonista Victor Duran, apaixonado por Amanda, buscava a liberdade, desde a infância, no afã de voar sem asas. Victor consegue superar as aporias da vida e se realiza tanto no amor quanto nos negócios. Torna-se um grande empresário, na sucessão de seu pai. Trata-se de um livro para jovens, escrito por um jovem, que desde cedo demonstra o gosto e o dom pela escrita literária.

Em 2003, lança o romance *Concupiscência*, no qual, histórias de jovens se tecem pelo fio da mesma insatisfação. Na visão de Marilena Vellozo Soneghet, cria-se nesse romance um "clima de sensualidade que o moralismo ou os conceitos vigentes não inibem".

Sete anos depois, em 2010, lançou uma produção independente, para o dia de sua posse, na cadeira 40, da Academia Espírito-Santense de Letras. *A história de um sobrevivente* tem como protagonista o próprio autor/narrador. Trata-se de um relato verídico de sobrevivência, em decorrência de um gravíssimo acidente automobilístico, ocorrido no dia 07 de setembro de 2009. Após mais de uma semana em coma, e após ter passado por colostomia, traqueostomia e seis cirurgias, padeceu vários meses em leitos hospitalares e, felizmente, se recuperou totalmente do trauma ocorrido entre Vitória e Santa Teresa.

Seu quinto livro intitula-se *O livro dos poemas* (2013). Trata-se de um apanhado de poemas concebidos desde 1995, num longo período de quase duas décadas. Tal obra é dividida em quatro partes: "O Livro das Descobertas", com alguns dos poemas da adolescência e juventude; "O Livro das Trinas e Haicais", com poemas nos quais impera a concisão; "O Livro Proibido", com poemas mais sensuais; e "O Livro dos Sonetos", em que o autor lança mão da estética padrão, com duas quadras e dois tercetos.

Em 2014, publicou o livro de contos e crônicas *A máquina do tempo e outras histórias*, no qual há um total de 46 textos curtos, publicados anteriormente em jornais, em revistas e na internet. A obra foi aprovada no edital da lei Rubem Braga (lei de incentivo à cultura do município de Vitória/ES) e foi publicada pela editora Pedregulho, na capital capixaba. É um livro comemorativo dos 20 anos da carreira literária de Anaximandro.

No ano seguinte, em 2015, veio à luz o livro *A vida depois da luz*. O autor aborda novamente, ou revisita, o tema trabalhado em 2010, em *A história de um sobrevivente*. Nessa obra, ele amplia e aperfeiçoa o primeiro relato, acrescentando maiores detalhes, com o intuito de passar ao leitor sua mensagem de autossuperação. Tudo começa após uma caminhada na praia, no momento em que ele é convidado por um amigo a acompanhá-lo até Santa Teresa. Viajam tranquilamente pelas montanhas capixabas, quando, subitamente, um carro desgovernado invade a contramão, provocando uma colisão frontal. O cinto de segurança perfura o intestino do carona. A partir desse momento começa uma longa batalha pela sobrevivência. A obra,

como já foi dito, baseada em fato verídico, vivido pelo próprio autor/ narrador, é o relato emocionante de uma experiência de quase morte, assim como um exemplo de superação.

Seu último livro de poemas, *Breviário do silêncio*, lançado neste ano de 2018 pela editora Cousa, me proporcionou momentos epifânicos, assim como momentos reflexivos, durante a leitura. Sinto-me orgulhosa do meu ex-aluno Anax, que desde jovem já demonstrava sensibilidade poética. É com grande alegria que acompanho seu percurso acadêmico. Depois de ter-se graduado em Direito e de ter entrado para ao mercado de trabalho, decidiu voltar aos bancos de faculdade e se enveredar pelo mundo das letras. Foi uma decisão muito acertada, pois a prosódia, a estilística, enfim, a teoria literária e a vivência dentro do Departamento de Letras estão sendo muito salutares para seu aperfeiçoamento literário, que tem avançado a passos largos. Parabéns, Anax!



Jô Drummond no lançamento do livro de Anaximandro Amorim, em 1995.

## Os canários do hortomercado

## JORGE ELIAS NETO

Médico. Poeta. Pertence à AEL, cadeira 2.

Acostumei-me a tomar o café da manhã na janela da cozinha, ouvindo os bem-te-vis. Um retorno à infância, no parque Moscoso, entre árvores e lagos tortuosos, ainda sem muros e assaltos. Lembro-me das idiossincrasias... Das tartarugas marinhas, esbaforidas, enormes, não entendendo a falta de sal naquelas águas paradas, cheias de marrecos e gansos.

Mas o que mais me intrigava, criança ainda, desconhecedor do saudosismo dos primeiros imigrantes europeus, foi ter que substituir em meu imaginário, os canários-da-terra, e sua plumagem amarelo-canarinho – isso em plena copa de 70 –, que me acostumei a admirar na fazenda do meu pai, pelos tons pastel dos pardais. Aquela variação de cinza e marrom podia ser uma camuflagem adequada à falta de biodiversidade dos bosques e cidades europeias, mas dava um tom meio insosso às minhas manhãs. Se bem que eles eram engraçadinhos com seus saltos e ousadias...

Passaram-se longos anos e com eles sumiram os canários. Pássaro perseguido por seu canto e plumagem, preso em gaiolas (que muitas vezes eram mantidas abertas para entrada e saída dos casais que sempre retornavam para alimentar seus filhotes).

Recentemente, com um certo "adestramento" de meus iguais, os canários repovoaram as cidades do interior. Isso me deu até a ideia de conversar com os órgãos responsáveis sobre se seria possível trazer alguns casais para a ilha de Vitória ...

Hoje, vim mais cedo para o trabalho, parei em frente ao hortomercado e fiquei surpreso quando vi dois filhotes de canário brincando em meio à ansiedade dos carros no sinal vermelho. Fiquei preocupado: vai que alguém atropela aqueles jovens indefesos ...

Então observei o macho adulto, com a sua plumagem amarelo--vivo e cabeça vermelha, sair de um fio elétrico e arrebanhar suas crias. Surpreso, vi esverdear o sinal, e tive que cruzar a avenida.

Andei, talvez uns 50 metros, pensando, que mesmo com o passar o tempo, a cor amarela do canário permaneceu entranhada em mim.

Mas lá estava ele, interrompendo meus devaneios, com um tom pardacento sem vida, fugindo aos saltos, da marquise do prédio que começava a ser lavada. Só que desta feita já não era um pardal e sim um homem que recolhia, torporoso, um colchão aos farrapos. Lá estava ele, o usuário de crack, para me lembrar o quão fragmentada é a esperança e que a realidade vestiu de cinza nossa cidade.

## Elmo Elton

#### Matusalém Dias de Moura

Procurador da Assembleia Legislativa do Estado do Espírito Santo e membro da Academia Espírito-santense de Letras e do Conselho Estadual de Cultura.

Meu interesse pela poesia levou-me a Elmo Elton. Assim que cheguei a Vitória, vindo da roça, em 1979, adotei, logo de início, um hábito que muito contribuiu para meu enriquecimento intelectual: o de visitar os escritores da época, à procura de lições de vida, cultura, conhecimento e literatura. Chegava à casa deles, como era meu costume lá no Caparaó, sem lhes telefonar para marcar a visita. Aliás, para dizer a verdade, nem sabia, ainda, desse protocolo, dessa etiqueta, dessa boa maneira. Cem por cento matuto, simplesmente chegava, apertava a campainha e alguém me atendia. Eu me apresentava, sumiam casa adentro, depois voltavam e me abriam a porta, convidando-me a entrar. Em seguida, passados alguns minutos de espera, aparecia o(a) escritor(a). Eu, afoito e sedento de conhecimento, puxava o assunto que me interessava, provocando com perguntas sobre literatura, vida e obra dele (a) e de outros escritores, intelectuais, professores etc. A conversa demorava. E eles falavam, falavam... Contavam-me detalhes de suas vidas, das atividades profissionais e de seus processos de criação literária.

E, assim, fui aprendendo com eles e sobre eles. Só lamento (não sei o porquê, até hoje) não ter visitado nem conhecido pessoalmente a escritora Virgínia Tamanini. Dessas visitas e conversas, a mim sempre ficava a impressão de que eles gostavam. Hoje, quase 40 anos depois, estou convicto disso. Eles adoravam falar da literatura que

produziam, de suas vidas e de seus sucessos. E, assim, com minha maneira roceira de buscar o conhecimento, fiz-me amigo de vários deles e passei a ser convidado para cafés e chás em suas residências. Foi numa dessas visitas, ao saudoso escritor Adelpho Poli Monjardim, que tomei conhecimento da existência do poeta Elmo Elton. Adelpho, durante um bom tempo, falou-me de Elmo, de seu recém--regresso à nossa capital, após aposentar-se do labor profissional no Rio de Janeiro, de seu precoce sucesso no mundo literário, aqui em Vitória, chegando, inclusive, a ser eleito, em 1947, com apenas 22 anos de idade, o "2º Melhor Poeta Espírito-santense", em concurso instituído pela Primeira Quinzena de Arte Capixaba, realizada em Vitória sob patrocínio de todas as entidades culturais do estado. Interrompendo a conversa por alguns segundos, Adelpho foi até a estante, retirou um livro de Elmo, de cujo título já não me recordo, e leu, para mim, alguns de seus poemas, intercalando a leitura com breves comentários de elogios à obra do grande poeta. Isso me deixou encantado com a poesia de Elmo. Informei-me com o próprio Adelpho sobre o endereço de Elmo e, meia hora depois, já estava eu na Praça Misael Pena, em frente à antiga rodoviária, apertando a campainha da casa de Elmo, que, pessoalmente, abriu a porta e me convidou a entrar. Morava sozinho, como sozinho viveu até o fim de sua caminhada terrestre. Já começava a anoitecer. Muito gentil, levou-me pela casa afora, mostrando-me os móveis antigos que o acompanhavam e pelos quais devotava apego e amor arraigados, contando a história de cada um deles, de como os havia adquirido etc. Mostrou-me, também, uma coleção de autógrafos de várias personalidades pelas quais também nutria acendrado carinho. Quanto a essa coleção, disse-me que só não a considerava completa porque não havia conseguido o autógrafo do cangaceiro Lampião. E daí a conversa descambou para a poesia e a literatura em geral. Conversa não. A fala dele. Somente dele. Eu apenas o ouvia embevecido. Lá pelas tantas, autografou vários de seus livros e me presenteou com eles. Tinha uma assinatura belíssima que jamais consegui imitar.

Quando saí da casa do tão festejado poeta, já beiravam as 22 horas. Saí feliz porque tive a convicção de que ele havia "ido com

a minha cara", como se diz lá em Iúna. Nossa amizade estava feita, pronta e segura, esteada em terra firme, precisando tão somente de ser regada com as águas do contato constante, dos encontros e reencontros. Daí por diante, passei a visitá-lo todas as semanas, pelo menos uma vez. E ele, sempre que passava pela Cidade Alta, chegava à Assembleia Legislativa, meu local de trabalho, para uma breve visita, um cafezinho e alguma conversa sobre poesia. "Botava fé" em mim, ouso dizer. Ensinou-me muito sobre essa divina arte. Examinava minhas "composições", corrigia-as, emendava-as e me dava conselhos, às vezes para rasgá-las e reescrevê-las mais tarde. Dizia-me para não usar o nome "Matusalém", pois eu era jovem e o meu nome era velho, comprido e feio, em dissonância com a poesia. Sugeria-me assinar apenas "Dias de Moura", que considerava mais apropriado para um jovem poeta. E ser, por ele, chamado de poeta era uma alegria incontida para mim.

Elmo Elton era um homem discreto, mais baixo do que alto, mais magro do que gordo, elegante no vestir (adorava ternos azul-marinho, camisas claras e gravatas escuras), cabelos sempre bem aparados e alinhados, barba feita, voz educada, falava em baixo tom, bom ouvinte; enfim, um magistral professor de vida, de agradável convivência. Um intelectual. Um homem, acima de tudo, cordial. Adorava discorrer sobre a vida e a obra dos grandes poetas. A mim deixava transparecer (pelo menos é a impressão que tenho) a sua predileção literária pelos poetas Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, Raimundo Correia, Guilherme de Almeida, entre outros. Gostava mais do verso medido que do verso livre, embora admirasse Bandeira, Drummond e Cecília, por exemplo.

Seu regresso à nossa ilha-capital provocou um enorme rebuliço nos meios intelectuais capixabas. Todos os escritores, poetas, historiadores e outros promotores de cultura dele logo se acercaram. Os jovens candidatos a poetas, então, não saiam de sua volta. Todos iam à sua casa pedir-lhe a bênção e sorver um pouco de seus conhecimentos, de sua sabedoria. E ele era afável e carinhoso com todos. Para cada um tinha uma palavra de incentivo, de ânimo e de encorajamento. Direcionava, apontava rumos e ensinava caminhos a

esses sedentos de saber e de poesia. Uma grande parte de seu tempo passava lendo e examinando as obras literárias inéditas de outros escritores. Todos queriam um prefácio seu, uma apresentação, uma orelha, uma palavra de avaliação. A ninguém decepcionava. Incansável no labor literário, estava sempre produzindo, além de poesia, crônicas e textos sobre a cidade de Vitória, seus bairros e sua gente. Obras históricas sobre a nossa capital, se não fosse ele, jamais teriam sido escritas. E, como ninguém é de ferro, ao fim do dia, entrando pela noite, se não tinha compromissos intelectuais, procurava uma mesa de botequim para, com alguns amigos, saborear uma cerveja, um uísque ou até mesmo uma cachacinha, um aipim frito, um torresmo... Aí, somente aí, nessas mesas de bar, após umas doses, era possível, às vezes, ver um Elmo Elton alterado psicologicamente, de cabelos desgrenhados e com a voz ligeiramente agressiva, com algumas transgressões à língua portuguesa, dizendo algum palavrão, não muito comum à época, mas hoje já tornado popular. Com seu jeito atencioso de ser, cativava, agregava e incentivava os amigos a produzirem cultura.

A volta de Elmo Elton a Vitória tornou a vida intelectual da cidade – que, à época, vivia meio desanimada – mais efervescente, agitada e buliçosa, principalmente no campo da literatura e da história. Sua presença na ilha trouxe vigor às nossas atividades culturais. Carismático e encharcado de cultura carioca e nacional, atraía a nós, provincianos, para perto dele. Todos queriam ouvi-lo e, com ele, aprender um pouco mais; saber da vida literária lá fora.

Elmo Elton, indubitavelmente, após seu regresso ao estado até sua morte, foi um grande (senão o maior) benfeitor das letras e da história capixaba. Eu o conheci e com ele convivi. Fui seu amigo e aluno de poesia. Se não sei muito, a culpa é minha, somente minha. Ensinar ele me ensinou...

# A Academia vai à Escola: incentivo à leitura entre os jovens

## José Roberto Santos Neves

Iornalista, Pertence à AEL, cadeira 26.

O auditório está lotado. Há um clima de expectativa no ar. O escritor adentra o espaço, inicia sua narrativa, expõe suas obras, fala sobre o amor à literatura e sobre como a leitura transformou sua vida. Aos poucos, a turma começa a se soltar: uma jovem pede o microfone e lê um poema de sua autoria, sobre o orgulho da cultura afro-brasileira e a luta pelos direitos civis, alternando versos sobre Martin Luther King e Machado de Assis. Outra jovem usa metáforas para expressar seu descontentamento com a corrupção, e assim se sucedem várias leituras de poemas, em que os alunos demonstram seu interesse pelas expressões literárias. Ao final, o escritor descreve a história de um de seus inúmeros livros infantojuvenis, baseado na paixão platônica entre um galo e um ganso. A turma se diverte, dá risada e captura a mensagem do convidado sobre a importância de se respeitar todas as formas de amor.

O cenário descrito acima marcou a estreia da segunda edição do Projeto "A Academia vai à Escola", na Escola Viva Joaquim Beato, no Bairro Planalto Serrano, na Serra. O escritor era Francisco Aurelio Ribeiro, presidente da Academia Espírito-santense de Letras e acadêmico que dá nome à Academia Jovem de Letras que funciona no local, graças ao incentivo dos professores e à organização dos alunos.

O Projeto "A Academia vai à Escola" nasceu em 2017, por meio de uma parceria entre a Secretaria de Estado da Cultura, a Secretaria de Estado da Educação e a Academia Espírito-santense de Letras. Em 2018, teve sua gestão transferida para a Secretaria de Estado de Direitos Humanos, sendo incorporado ao Programa Ocupação Social, do Governo do Estado, que busca levar oportunidades para jovens de 26 bairros com alto índice de vulnerabilidade social, localizados em nove municípios da Grande Vitória e do interior.

Por meio desse projeto, escritores da AEL visitam escolas da Rede Pública Estadual, situadas nos bairros atendidos pelo Ocupação Social, com o objetivo de promover o incentivo à leitura junto à juventude que mais precisa da atenção do poder público e da sociedade civil. Ao passo em que divulgam a produção literária capixaba, os acadêmicos colaboram para a redução dos índices de abandono escolar e para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, dois dos pilares do programa. Trata-se de uma ação nobre que dialoga com a famosa canção de Milton Nascimento e Fernando Brant, que diz que "todo artista deve ir aonde o povo está". Avançando para o prisma da democratização do acesso à cultura, podemos citar o mestre Gilberto Gil, para quem "o povo sabe o que quer, mas também quer o que não sabe".

As ações do Projeto "A Academia vai à Escola" mostram que a juventude tem interesse em conhecer outras expressões literárias que não necessariamente estão presentes no seu dia a dia, bastando, para isso, ter acesso a esse material, que é repassado previamente para as escolas, por meio de textos e livros dos escritores visitantes. Durante as visitas, estabelece-se uma ponte entre polos infelizmente ainda distantes: escritor e aluno conhecem, assim, a produção de um e de outro, proporcionando um saudável intercâmbio de informações que estimula a formação de novos leitores e, principalmente, promove a sensação de pertencimento e autoestima dessa juventude que faz literatura ao seu modo, na maioria das vezes por meio da oralidade, e que vê as expressões culturais como uma afirmação de cidadania, posto que, muitas vezes, esse público permanece invisível para as políticas públicas.

Na EEEF Germano André Lube, em Bairro das Laranjeiras, por exemplo, um adolescente que se identificou como André Black aproveitou a visita do autor destas linhas para apresentar suas rimas em forma de rap, sendo saudado pelos colegas. Na EEEFM Laranjeiras, em Laranjeiras Velha, crianças encantadas com os contos infantojuvenis de Jô Drumond se revezaram ao microfone para relatar casos pitorescos envolvendo seus bichos de estimação.

Em Planalto Serrano, Ester Abreu foi recebida com flores pelos alunos da EEEFM Prof. João Antunes das Dores, e Adilson Vilaça provocou a curiosidade dos alunos da EEEFM Vila Nova de Colares ao relacionar a turbulência sociopolítica vivida atualmente no País com o período analisado em seu romance histórico "Cotaxé".

Exemplos como esses marcaram as 20 visitas do Projeto A Academia vai à Escola, realizadas entre junho e novembro de 2018, reforçando o papel social dos acadêmicos no sentido de unir forças para a construção de uma sociedade leitora no Espírito Santo. A batalha é árdua: 44% da população brasileira afirma que não lê livros por falta de tempo, de acordo com a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada em 2016 pelo Ibope, por encomenda do Instituto Pró-Livro. O mesmo estudo aponta que 54% dos brasileiros alfabetizados não leem romances, contos ou poesia por vontade própria.

Neste cenário sombrio, num momento em que a sociedade brasileira vivencia várias manifestações de intolerância e preconceito, a democratização do acesso à leitura corresponde ao instrumento mais eficaz para a construção de uma sociedade mais justa, humana e desenvolvida. Pois nunca é demais lembrar Cora Coralina: "O saber a gente aprende com os mestres e os livros. A sabedoria se aprende é com a vida e com os humildes".

# A importância do lúdico para o servidor público

## PEDRO J. NUNES

Escritor. Pertence à AEL, cadeira 25. Desde 2015 é escritor-residente da Biblioteca Pública do Espírito Santo.

(Esta palestra foi proferida no dia 5 de abril de 2018 na Biblioteca Pública do Espírito Santo, por ocasião da abertura da exposição Servidores Públicos Escritores, reunindo livros de funcionários públicos capixabas. Embora fosse uma atividade do escritor-residente, essa palestra foi estendida a outros órgãos públicos, como a Secretaria de Estado da Educação, em cooperação com o programa Qualivida, da Secretaria de Estado de Gestão e Recursos Humanos. O assunto tratado aqui é, no entanto, de interesse de todo trabalhador).

Tive, e continuo tendo na mesma medida em que sempre tive, séria implicância com as palavras. Isso me acompanha desde sempre, pelo menos desde quando me dei conta de que, adquirindo a capacidade de lê-las, podia gostar delas ou não. Bem esclarecido que não gostar não significa odiar. Uma história da infância, que foi muito engraçada no seu tempo, ilustra minha relação com as palavras. Minhas tias tinham uma amiga cujo nome era, acreditem ou não, Anilina. Um tipo antipático, uma mocinha de má bile e ar de bruxa, inexpressiva e amarelenta, que tinha comigo a maior das indiferenças. Pois, acreditem ou não, esse ser se chamava Anilina. Eu lhe tinha uma antipatia de todo tamanho, o que intrigava muito os adultos. Que mais intrigados ainda ficaram quando, de um dia para o outro,

caí de amores por... Anilina. Nem ela entendeu-me assim tão mudado, e mais distante ficou, como se tivesse medo do contágio de alguma coisa estranha. E sabem o motivo da mudança do caráter dessa relação? Eu descobri que Anilina é anilina em qualquer direção, lida para diante, ou lida em sentido inverso. Algum tempo depois eu viria saber tratar-se de um palíndromo, esse tipo de palavra que pode ser lido nos dois sentidos. A essa altura eu já havia incluído Anilina, a moça, entre essas coisas inesquecíveis que a gente vai colecionando ao longo da vida. E fiz as pazes com ela por meio de um fenômeno morfológico, ou seja, uma simples palavra e sua extraordinária característica promoveram a paz entre Anilina e mim.

Então se lhes digo que eu tinha verdadeira antipatia pela palavra "lúdico", vocês entenderão que isso foi perfeitamente possível. Ou pelo menos terão desse fato alguma compreensão. Lúdico andava a par com lúgubre, com fúnebre, esse som da vogal mais anterior, a vogal do interior, a vogal "u", a vogal do susto fundamental, da interjeição dos fantasmas, dos seres das sombras, o som do fundo da garganta, a tônica do túmulo. Eu não tinha razão alguma para apreciar a palavra "lúdico". No entanto, no mesmo sentido em que tenho a mais encarniçada implicância com algumas palavras, de uma forma ou de outra esse caráter se transforma e elas entram na minha vida com a mais doce das presenças. Nietzsche escreveu, talvez sabendo que estava justificando a mais necessária das aquisições humanas: "O homem chega à sua maturidade quando encara a vida com a mesma seriedade que uma criança encara uma brincadeira." Pois assim foi que, correndo os dias, num desses descobri, saturno por natureza, que eu precisava despertar em mim o sentido dessa palavra que me causara até então tanta repulsa: lúdico. Eis que ela surge, então, cheia de luzes e júbilo e única. Talvez eu houvesse descoberto que lúdico havia mesmo de ter por tônica a vogal mais anterior, mais próxima do nosso interior, habitação do desejo e da alma, o "u" e o lúdico que nos resgatam da grande estupidez que é levar a vida a sério demais. Oscar Wilde, lá no século XIX, já justificava: "A vida é muito importante para ser levada a sério."

Mas do que é que se trata esta ocasião? É hora de entrarmos no tema, aproveitando aqui para estender a vocês um pedido de descul-

pas por essas divagações da consciência em torno do assunto. Estamos reunidos aqui para falar da importância do lúdico na vida do servidor público. Casualmente, a maioria de nós presentes aqui hoje está contingenciada nessa categoria, mas é inegável que a aplicação desse conceito e tudo de bom que ele carrega é reconhecidamente salutar em todos os aspectos da vida das pessoas que trabalham. Vou abrir aqui aspas para ler uma informação que retirei da Internet bem a propósito do conceito da palavra lúdico: "Lúdico é um adjetivo da língua portuguesa, cuja origem se reporta ao latim ludos e que se refere a toda atividade ligada a brinquedos, jogos e o divertimento como uma forma de recreação. É comum empregar o termo atividade lúdica principalmente em métodos de ensino e aprendizagem de crianças, tendo em vista que o ato de brincar é o principal canal de comunicação entre os adultos educadores e os alunos. Para muitos psicólogos, pedagogos e psicopedagogos, o trabalho realizado com o lúdico em sala de aula permite desenvolver em cada aluno aspectos relevantes que são importantes para a sua vida pessoal e intelectual como, por exemplo, permitir com que haja o desenvolvimento da sociabilidade, inteligências múltiplas e criatividade."1

Pensemos um pouquinho, agora, panoramicamente, na arte, começando pelas pinturas rupestres de 40.000 anos a.C., passando pela poesia registrada em tabletes de argila, pelo teatro dos gregos, pela lírica dos romanos, até chegar à consolidação do romance, no século XVII, manifestações artísticas que nos legaram vestígios de sonhos, de desejos e cenas da vida cotidiana de homens tão remotos. Quanta arte, e quanta diversidade de arte, não produziram nossos antepassados, e não continuamos nós, ainda hoje, a produzir, como se quiséssemos atingir o infinito com nossa atividade infatigável. Paremos para pensar: o que significa a arte, o que nos impulsiona a produzi-la à exaustão, reciclando, renovando, reinventando?

Segundo o filósofo Alain de Botton, em 1860, na Grã-Bretanha, acreditava-se que a arte não tinha nenhuma utilidade. Se nos colocarmos na mentalidade do mundo na segunda metade do século

<sup>1</sup> Informação retirada do site https://www.significadosbr.com.br/ludico. Consulta em 2 de abril de 2018.

XIX, veremos que pareceria normal pensar que "não foi a arte que fez as grandes cidades industriais, construiu ferrovias, dragou os canais, expandiu o império e tornou a Grã-Bretanha proeminente entre as nações. Na verdade, a arte parecia capaz de esgotar as qualidades que tinham tornado essas realizações possíveis." Assim pensavam então os ingleses. Um dos críticos da arte, o acadêmico de Oxford, Frederic Harrison, chegou a afirmar: "[a cultura] quando aplicada à vida diária ou à política, significa simplesmente um voltar-se para a crítica medíocre, um amor pelo bem-estar egoísta e uma indecisão na ação. O homem de cultura é um dos mais pobres mortais vivos."

O mundo havia mudado drasticamente na segunda metade do século XIX. A Revolução Industrial se consolidava, descobertas e avanços iam surgindo como nunca na física, na medicina, nas ciências naturais, o desenvolvimento tecnológico passou a fazer parte da vida das pessoas (inventos como o elevador e o telefone, por exemplo, dariam outra perspectiva à aventura humana), muitas doenças foram controladas ou prevenidas, o mundo se tornava um lugar melhor. Talvez isso justificasse a crença de que não houvesse lugar para a arte. Mas felizmente os ingleses que só pensavam em questões práticas tinham um oponente à altura, "o poeta e crítico Matthew Arnold, professor de poesia em Oxford", que "tinha a imprudência de insinuar, em uma variedade de artigos de jornal e conferências públicas, que a arte podia ser uma das ocupações mais importantes da vida". Não tardou que, alvo da zombaria de seus contemporâneos, Arnold escrevesse "uma defesa sistemática do que ele acreditava ser a utilidade da arte e por que exatamente ela possuía uma função tão importante a desempenhar na vida." Para ele, "longe de ser um devaneio, a grande arte era (...) um meio de oferecer soluções para as tensões e ansiedades mais profundas da vida, (...) capaz de nos presentear com nada menos que uma interpretação e uma solução para as deficiências da existência". Para Arnold, o trabalho dos artistas seria marcado "pelo desejo de eliminar o erro humano, esclarecer a confusão humana e

<sup>2</sup> BOTTON, Alain de. **Desejo de status**. – Porto Alegre, RS: LP&M, 2017.

<sup>3</sup> Todas as citações seguintes são do mesmo livro.

diminuir a desgraça humana, imbuídos [os artistas] da 'aspiração de deixar o mundo melhor e mais feliz do que o encontraram".

Creio que esta breve digressão nos dê um sentido para a arte que, quando nada, é suficiente para ilustrar a ideia que desejamos passar aqui. Algumas pessoas acham, e até opinam bastante incisivamente, inclusive em canais de comunicação em massa, que o servidor público é um ser privilegiado, cuja vida é plena de regalias e facilidades. Quase uma praga. Essa crença é tão arraigada que hoje se fala com a maior desfaçatez ser ele uma das causas fundamentais das dificuldades do país. A palavra de ordem é "cortar privilégios", colocando a conta nas costas do servidor público. Essas pessoas deveriam despir-se desse preconceito sem fundamento e olhar mais de perto a atividade dessa classe de trabalhadores. Assim veriam um grupo de pessoas que é responsável, que é consciente, que cumpre suas obrigações, e que acessou o cargo público por méritos próprios e dedicação, às vezes penosa, a um concurso público do qual todos podem participar. E que sofre as penas do trabalho como outro trabalhador qualquer. E que por isso mesmo necessita de vias de escape para que não adoeça. Por isso a importância do lúdico, porque lúdico é também divertimento, é também arte. Lembram-se ainda da citação de Nietzsche feita alguns instantes atrás?

Vamos, lembrando que os antigos diziam que repetir é uma forma de atingir o infinito, ler outra vez: "O homem chega à sua maturidade quando encara a vida com a mesma seriedade que uma criança encara uma brincadeira." Longe de ser um estímulo à insensatez ou à irresponsabilidade, o grande filósofo alemão justifica tudo aquilo que o trabalhador, seja ele do público ou do privado, pratica ludicamente: a pintura, o teatro, a escultura, o crochê, o bordado, a música, a escrita. Entre tantas outras. E eu tenho certeza de que cada um de nós que leva paralelamente uma atividade artística, com espírito de recreação ou não (porque há quem leve a atividade artística com bastante profissionalismo) se beneficia muito disso. Escrever um poema, marcar um ponto, bordar ou fazer crochê, isso tudo se resume num estado de poesia. O que me lembra uma canção de Chico César: "Para viver em estado de poesia / Me entranharia nestes sertões de

você / Pra me esquecer da vida que eu vivia /De cigania antes de te conhecer / De enganos livres que eu tinha porque queria / Por não saber que mais dia menos dia / Eu todo me encantaria pelo todo do seu ser". Agora troque a pessoa a quem se fala, o VOCÊ, por si mesmo, ouça-se enquanto pratica qualquer atividade manual, enquanto escreve um poema... Os budistas dizem que a pessoa pode encontrar o êxtase enquanto descasca uma laranja, enquanto lava a louça. Vamos parafrasear Chico César: "Para viver em estado de poesia / Me entranharia nestes sertões de mim / Pra me esquecer da vida que eu vivia /De cigania antes de me conhecer / De enganos livres que eu tinha porque queria / Por não saber que mais dia menos dia / Eu todo me encantaria pelo todo do meu ser". Meus amigos: uma pausa consigo. A vida pode ser divertida e profunda mesmo quando se toma um café na cozinha da repartição.

O êxito de algumas empresas modernas, como o Google, a Lego e a Wine, por exemplo, vem da combinação de um ambiente lúdico com o ambiente de trabalho. No site da Wine esse espírito é francamente explícito: "Trabalho e crescimento. Diversão, sonho e realização. Não nos intimidamos, em nenhum momento, em admitir que a Wine.com.br é formada por pessoas felizes. Assim, conseguimos mostrar que é possível, sim, trabalhar muito, entregar resultados e nos divertir. Tudo fica ainda mais especial quando temos prazer em aprender e em realizar coisas novas, sem medo de pensar diferente e nem dos novos desafios." Os policiais japoneses incluem em seu horário de expediente a prática de confecção de bonecas de porcelana, um dos mais caros símbolos da cultura de seu país. Divertimento com responsabilidade: uma equação fácil quando todos se equilibram. Isso é perfeitamente possível no âmbito do serviço público. Surge agora uma questão crucial: e quando chega a aposentadoria?

Há um livro de curiosidades etimológicas que andei lendo, cujo título é Dentro do dentro: os nomes das coisas, de Manoel Salles, que traz um conceito surpreendente sobre a palavra aposentadoria. Segundo ele, "a aposentadoria é o 'ato ou efeito de aposentar-se', e aposentar vem do português arcaico 'apousentar', que, conforme o nome diz, é procurar pouso, pousar. Descansar. O verbo latino pau-

sare, 'cessar', que nasceu do grego pausis, 'parada', (...) deu em português as formas divergentes POUSAR e PAUSAR – que hoje significam coisas diferentes. A primeira é 'pôr', 'baixar', 'assentar'; a segunda é 'descansar', 'interromper temporariamente alguma ação'. A ideia de paralisação temporária está presente em ambas as formas. O aposentado é assim, na etimologia – senão na ordem prática das coisas –, não um inútil, um inválido, mas uma pessoa que apenas 'está dando uma pausa'. Dando um tempinho, na linguagem de hoje."<sup>4</sup>

Para aquele que se aposenta por tempo de serviço, ainda que em alguns casos esse novo estado possa trazer alguma complicação, inclusive, e talvez principalmente, à saúde, a vida será todavia mais fácil. Até porque, se a pessoa adotou uma atividade que lhe desse prazer quando estava na ativa, essa mesma atividade continuará lhe rendendo os mesmos dividendos de alegria e até uma complementação orçamentária – sim, por que não? Uma atividade artística pode render dinheiro e não há nada de condenável nisso. Se não, havendo nele o espírito das pessoas que encontram prazer e alegria em simplesmente trabalhar, resta-lhe a alternativa de exercer suas atividades até a idade limite, que a cada dia está mais alta. Porque o trabalho também pode dar prazer. Aliás, não só pode, como deve.

No entanto, é necessário que se pense com ternura numa categoria de aposentados que, em todo o território nacional, sofre duras penas: o aposentado por invalidez, seja ela de qualquer natureza, ou seja, se foi causada por uma doença ou por um acidente de trabalho. No caso do servidor público, este não tem a opção de continuar no serviço público caso a junta médica decida aposentá-lo. Por causa disso, ele não poderá exercer nenhuma atividade remunerada, ainda que sazonal. Por uma condição fatal de saúde, profissionais como o médico, o psicólogo, o pesquisador, o professor, o advogado, só para citar alguns, nada podem fazer, de uma hora para outra, com todo o conhecimento acumulado ao longo da vida. Abrindo um parêntese para que reflitamos bem: sabe aquela pessoa que faz pano de prato para vender na feirinha de artesanato? Se sofreu um acidente, ficou

<sup>4</sup> SALLES, Manoel Whitaker. Dentro do dentro: os nomes das coisas. – São Paulo: Mercuryo, 2002.

paraplégica e foi aposentada por invalidez, de uma hora para outra se vê tetraplégica, porque já não pode mais usar as mãos, que não adoeceram, para fazer seus panos de prato e vender na feirinha de artesanato. Ora, ainda que num ritmo menor, muitas dessas pessoas ainda possuem condição de contribuir com a evolução de sua comunidade compartilhando seus conhecimentos e habilidades, sendo aproveitado no serviço público, em outras funções ou, mesmo irremediavelmente aposentado, no exercício de alguma atividade que não seja incompatível com sua doença e que lhe proporcione recebimento eventual de remuneração.

Essa condição, lamentavelmente, na maioria das vezes pode agravar a enfermidade que levou à aposentadoria precoce, isso se não aderirem outras doenças oportunistas, que não perdem tempo em atacar um organismo debilitado pela inércia. A aposentadoria por invalidez, posto seja notável por seu caráter de alcance social e humanitário, pode, na maioria dos casos, ensejar uma sentença antecipada de morte dado o seu caráter de aniquilação e execração social. Um fato interessante é que não há proibição expressa em lugar algum de que o aposentado por invalidez possa exercer alguma atividade remunerada. Não se trata de omissão da lei. A lei não existe. Ou seja, não há, repito, proibição. No entanto, nenhum trabalhador aposentado por invalidez pode trabalhar. Não parece perverso? Não parece algo a ser revisto?

A mudança desse quadro é de interesse geral. Com a revisão dessa questão, sem dúvida desonrosa para nossos mais básicos princípios humanitários, ganham o Estado, a comunidade e, lá na ponta, o cidadão que antes se via numa condição vexatória e excludente. Não custa lembrar que o grande filósofo alemão Nietzsche, vítima de uma doença psiquiátrica, foi aposentado por invalidez pelo governo alemão, o que não o impediu de trabalhar em sua valiosa obra filosófica. A permanência dessa situação pode estar sepultando enormes talentos, enormes valores, homens e mulheres que, a despeito da invalidez, ainda têm tanto a oferecer. Não se pode ficar indiferente a isso. É necessário pensar que não é facultado a ninguém fazer a opção pela enfermidade incapacitante.

Lamentavelmente, essa possibilidade ronda, inapelavelmente, todas as pessoas saudáveis, e é necessário que nos envolvamos no seu debate. Enfim, eis aí dado o meu recado, o recado de quem acredita em brincadeiras sérias. Digam o que quiserem, o divertimento e o prazer devem fazer parte do trabalho. A arte liberta, a arte dá alegria e felicidade. Não importa que dela aufira o trabalhador alguma renda extra ou a pratique apenas para não se afundar na dor, no desespero e na doença. Ou para ser livre. Nisso plenamente justificado por Epicuro, postulador da filosofia do prazer, de quem faço duas citações finais: 1ª. "A liberdade é o maior fruto da autossuficiência". 2ª. "As pessoas felizes lembram o passado com gratidão, alegram-se com o presente e encaram o futuro sem medo."

# Fazendo memória, conto

# Pedro Sevylla de Juana

Escritor espanhol. Membro correspondente da AEL.

Para Jô Drumond e Anaximandro Amorim

Fernando esqueceu o nome do presenteador há muito tempo, não obstante, ele ou ela, entregaram-lhe a cópia 84, pertencente à edição numerada de *La Flûte enchantée, Liege 1956*, de *Les Charités d'Alcippe*, obra de *Marguerite Yourcenar*. Impresso em papel *vélin pur fil Lafuma-Navarre*, foi retirado da venda a pedido da autora, devido aos muitos erros tipográficos que continha. Ignorante de seu valor econômico, Fernando o mantinha como ouro em pó por causa de seu valor poético. Um mistério mais de minha vida, disse-se Fernando, o idoso solitário que ia caminho adiante olhando os lados. Era o momento preciso em que a mente e os olhos se põem ao serviço da ideia inconclusa ou do objeto perdido. E a necessidade inicial de descobrir o motivo, causa ou razão, se fixa com força no cérebro. Havia na cópia uma dedicatória escrita a lápis com letra clara: Para o abelhão, da rosa; para a escuma da rocha; para a fênix, da fogueira, para F de L.

Indubitavelmente era grafia feminina, e o cuidado posto no lápis tênue para que pudesse ser apagado, sem dúvida, era feminino.

Se ele soubesse quem assinou L ... Fernando não se lembrava de nenhuma Lúcia ou Laura. Assim que continuou esclarecendo o mistério. Se sua esposa vivesse, ela o ajudaria como sempre fez. O livro foi escrito em francês, era, portanto, do seu tempo de solteiro, quando comprava livros nos *bouquinistes* das margens do Sena, principalmente a *rive droite*, da ponte Marie até o cais do Louvre. Por um

tempo ele amou intelectualmente *Marguerite Yourcenar: Mémoires d'Hadrien, L'Oeuvre au noir* e os seus poemas iniciais. Abelhão, rosa, espuma, rocha, lembravam-lhe algo; deu voltas e voltas até que as pôs em francês, pensando numa amiga espanhola de seu tempo de poeta romântico, pintor abstrato e boêmio despreocupado. *Frelon, rose écume, Phénix.* A estrofe completa chegou pronto a sua mente:

Toi le frelon et moi la rose Toi l'écume et moi le rocher Dans l'étrange métamorphose Toi le phénix et moi le bûcher

Era o primeiro quarteto dum soneto da Yourcenar, o intitulado Érotique. Mas esse poema não estava entre os 21 da edição de *La flûte enchantée de 1956*. Não, não estava; mas aparecia na edição de Gallimard, impressa por l'Imprimerie Floch em Mayenne, o dia 10 de setembro de 1984, com outras 50 páginas mais de poemas que a edição de *La Flûte*. Ambos livros dignificavam sua biblioteca, de modo que quem assinou com o L a dedicatória pôde ser uma mulher muito próxima, talvez da família.

Esforço após esforço, Fernando espremeu a memória, até conseguir algumas gotas de elixir relativas à esposa amante, momento em que ela o considerava uma abelha capaz de libar nela, sendo ela sua flor. Sim, abelha, talvez uma abelha macha em vez dum abelhão, considerando-o depreciativo. Bem, mas L? A letra ele está em Elisa, nome da esposa, embora por dentro. O processo seguiu, e o elixir da memória pressionada levou-o aos primeiros tempos do namoro, quando ela, brincando, se identificou como uma modistazinha chamada Lissette. Seguindo a brincadeira, ele deixou o nome fictício em Lissi. Uma vez casados, as conveniências sociais impuseram o nome autêntico; e a professora universitária foi já Elisa de modo permanente. Descoberto o mistério, Fernando se sentiu espuma no areal da esposa amada, uma onda de amor que retorna para ela de novo e de novo, memória e vazio e memória. (Paris, 1987).

# Poemas de Cesar Vallejo traduzidos

## Pedro Sevylla de Juana

Escritor espanhol. Membro correspondente da AEL.

Para a hispanista Ester Abreu

"En esta noche rara que tanta me has mirado / la Muerte he estado alegre y ha cantado en su hueso". (O poeta para a sua amada)

A poesia é dúctil e maleável: fios finos que vêm e vão costurando os pães de ouro para cobrir o existente e o imaginado. A poesia é um poço sem fundo onde tudo se acomoda, incluindo as contradições pessoais do poeta. Aqui ponho os poemas de César Vallejo, recebendo-os em minha casa, quarto de hóspedes, o melhor de todos; tornando-os meus no novo idioma, porque nisso consiste minha tradução. Uma noite daquelas tão numerosas e tão grandes do Brasil, eu disse para mim mesmo ao iniciar a versão de uma língua para outra: vou inaugurar a alma de um amigo. Hoje sei a quem pertence essa alma e quem é o amigo. Desejo despertar quando o sol nasce, chegar até a planície para seguir o curso do rio, ver a terra esverdeando nos cafezais e o azul do céu manchado de branco. Estavam chovendo naquela noite e ainda chovem pétalas de rosa se transformando em colibris. O condor andino vê tudo desde acima, e ele me dita, escriba eu, seu ditado.

Textos originais em castelhano tomados de http://www.literatura.us/vallejo/completa.html

# Os Heraldos Negros

Há golpes na vida, tão fortes... Eu não sei. Golpes como do ódio de Deus; como se diante eles, a ressaca de todo o suportado se empoçara na alma... Eu não sei.

São poucos; mas são... Abrem valetas escuras no rosto mais feroz e no lombo mais forte. Serão talvez os potros de bárbaros átilas; ou os arautos negros que nos envia a Morte.

São as quedas profundas dos Cristos da alma, de alguma fé adorável que o Destino blasfema. Esses golpes sangrentos são as crepitações de algum pão que na porta do forno se nos queima.

E o homem... Coitado... infeliz! Volta os olhos, como quando sobre o ombro nos chama uma palmada; volta os olhos loucos, e todo o vivido se empoça, como um charco de culpa, na mirada.

Há golpes na vida, tão fortes ... Eu não sei!

# Nervura de Angústia

Doce hebreia, desprega meu trânsito de argila; desprega minha tensão nervosa e minha dor.... Desprega, amada eterna, meu longo afã e os dois pregos de minhas asas e o prego de meu amor!

Regresso do deserto onde desci muito; retira a cicuta e obsequia-me teus vinhos: espanta com um pranto de amor a meus sicários, cujos gestos são férreas cegueiras de Longinos! Desprega meus pregos ¡oh nova mãe minha! ¡Sinfonia de *olivios*, escanceia teu chorar! E tens de esperar, sentada junto a minha carne morta, como cede a ameaça, e a calandra se vai!

Passas... voltas... Teus lutos entrançam meu grande cilício com gotas de curare, fios de humanidade, a dignidade roqueira que há em tua castidade, e o judithesco azougue de teu mel interior.

São as oito de uma manhã em creme bruxo.... Há frio... Um cão passa roendo o osso de outro cão que foi... E começa a chorar em meus nervos um fósforo que em cápsulas de silêncio apaguei!

E na minha alma herege canta sua doce festa asiática um dionisíaco fastio de café...!

# O poeta para a sua amada

Amada, nesta noite tu me tens crucificado sobre os dois madeiros curvados de meu beijo; e tua pena me disse que Jesus tem chorado, e que há uma sexta santa mais doce que esse beijo.

Nesta noite rara que tanta me tens olhado, a Morte estive alegre e cantou em seu osso. Nesta noite de setembro tem-se oficiado minha segunda queda e o mais humano ósculo.

Amada, morreremos os dois juntos, muito juntos; se irá secando a pausas nossa excelsa amargura; e terão tocado a sombra nossos lábios defuntos.

E já não haverá reproches nos teus olhos benditos; nem voltarei a ofender-te. E numa sepultura os dois dormiremos, como dois irmãozinhos.

#### Verão

Verão, já me vou. E me dão pena as mãozinhas submissas de tuas tardes. Chegas devotamente; chegas velho; e já não encontrarás ninguém em minha alma.

Verão! e passarás por meus balcões com grande rosário de ametistas e ouros, como um bispo triste que chegasse de longe a procurar e abençoar os rompidos aros duns noivos mortos.

Verão, já me vou. Lá, em setembro tenho uma rosa que te encarrego muito; a regarás de água bendita todos os dias de pecado e de sepulcro.

Se a força de chorar o mausoléu, com luz de fé seu mármore adeja, levanta em alto teu responso, e pede a Deus que siga para sempre morta. Todo tem de ser já tarde; e tu não encontrarás a ninguém na minha alma.

Já não chores, Verão! Naquele sulco morre uma rosa que renasce muito...

#### Idílio morto

Que estará fazendo nesta hora minha andina e doce Rita de junco e capuli; agora que me asfixia Bizâncio, e que dormita o sangue, como frouxo conhaque, dentro de mim.

Onde estarão suas mãos que em atitude contrita passavam nas tardes brancuras por vir; agora, nesta chuva que me tira a vontade de viver.

Que será de sua saia de flanela; de seus afãs; de seu andar; de seu sabor a canas de maio do lugar.

Tem de estar na porta olhando alguma celagem, e ao fim dirá tremendo: «Que frio há... Jesus!» e chorará nas telhas um pássaro selvagem.

#### Os Dados Eternos

Para Manuel González Prada, esta emoção bravia e seleta, uma das que, com mais entusiasmo, me aplaudiu o grande mestre.

Deus meu, estou chorando o ser que vivo; me pesa ter tomado teu pão; mas este pobre barro pensativo não é crosta fermentada em teu custado: tu não tens Marias que se vão!

Deus meu, se tivesses sido homem, hoje soubesses ser Deus; mas tu, que estiveste sempre bem, não sentes nada de tua criação. E o homem sim te sofre: o Deus é ele!

Hoje que em meus olhos bruxos há candeias, como num condenado,
Deus meu, acenderás todas tuas velas,
e jogaremos com o velho dado.
Talvez, oh jogador! ao dar a sorte
do universo tudo,
surgirão as olheiras da Morte,
como dois ases fúnebres de lodo.

Deus meus, e esta noite surda, escura, já não poderás jogar, porque a Terra é um dado roído e já redondo a força de rodar à aventura, que não pode parar senão num oco, no oco de imensa sepultura.

#### Poema IV de

Espanha, afasta de mim este Cálice

Os mendigos peleiam pela Espanha,
mendigando em Paris, em Roma, em Praga
e referendando assim, com mão gótica, pedinte,
os pés dos Apóstolos, em Londres, em New York, em México.
Os mendicantes lutam suplicando infernalmente
a Deus Por Santander,
a lide em que já ninguém é derrotado.
Ao sofrimento antigo
dão-se, encarniçam-se em chorar chumbo social
ao pé do indivíduo,
e atacam a gemidos, os mendigos,
matando com tão só ser mendigos.

Rogos de infantaria, em que a arma roga do metal para acima, e roga a ira, mais cá da pólvora iracunda.

Tácitos esquadrões que disparam, com cadencia mortal, sua mansidão, desde uma ombreira, desde si mesmos, ai! desde si mesmos. Potenciais guerreiros sem meias ao calçar o trovão, satânicos, numéricos, arrastando seus títulos de força, migalha ao cinto, fuzil duplo calibre: sangue e sangue. o poeta cumprimenta ao sofrimento armado!

#### Poema XIV de

Espanha, afasta de mim este Cálice

Cuida-te, Espanha, da tua própria Espanha! Cuida-te da foice sem o martelo. cuida-te do martelo sem a foice! Cuida-te da vítima apesar seu, do verdugo apesar seu e do indiferente apesar seu! Cuida-te do que, antes de que cante o galo, te negará três vezes, e do que te negou, depois, três vezes! Cuida-te das caveiras sem as tíbias, e das tíbias sem as caveiras! Cuida-te dos novos poderosos! Cuida-te do que come teus cadáveres, do que devora mortos a teus vivos! Cuida-te do leal cento por cento! Cuida do céu mais cá do ar

e cuida do ar para além do céu! Cuida-te dos que te amam! Cuida-te de teus heróis! Cuida-te de teus mortos! Cuida-te da República! Cuida-te do futuro!...

#### Poema XV de

Espanha, afasta de mim este Cálice

Meninos do mundo, se cai Espanha —digo, é um dizer—se cai do céu abaixo seu antebraço que asem, em cabeçada, duas lâminas terrestres; meninos, que idade a das têmporas côncavas! que cedo no sol o que vos dizia! que pronto em vosso peito o ruído anciano! que velho vosso 2 no caderno!

Meninos do mundo, está a mãe Espanha com seu ventre nas costas; está nossa mãe com suas férulas, está mãe e mestra, cruz e madeira, porque vos deu a altura, vertigem e divisão e soma, meninos; está com ela, pais processuais!

Se cai —digo, é um dizer— se cai Espanha, da terra para abaixo, meninos, como vais cessar de crescer! como vai castigar o ano ao mês! como vão ficar-se em dez os dentes, em rabisco o ditongo, a medalha em pranto! Como vai o cordeirinho a continuar atado pela pata ao grande tinteiro! Como vais baixar as escadarias do alfabeto até a letra em que nasceu a pena!

Meninos, filhos dos guerreiros, entretanto, baixem a voz que Espanha está agora mesmo repartindo a energia entre o reino animal, as florzinhas, os cometas e os homens. Baixai a voz, que está em seu rigor, que é grande, sem saber que fazer, e está em sua mão a caveira, aquela da trança; a caveira, aquela da vida!

Baixai a voz, vos digo;
baixem a voz, o canto das sílabas, o pranto
da matéria e o rumor menos das pirâmides, e ainda
o das têmporas que andam com duas pedras!
Baixem o alento, e se
o antebraço baixa,
se as férulas soam, se é a noite,
se o céu cabe em dois limbos terrestres,
se há ruído no som das portas
se demoro,
se não vedes a ninguém, se vos assustam
os lápis sem ponta, se a mãe
Espanha cai —digo, é um dizer—,
saiam, meninos, do mundo; vão procurá-la!...

# Poemas

#### Santiago Montobbio

Escritor espanhol. Membro correspondente da AEL.

#### UNA COLUMNA DEL FORO PISCARIO

se aprovecha para sostener
la puerta de una casa que es
casi un palacio. Esto es Roma.
Esto es también el poema.
Sostiene al hombre, es de él
su casa, su palacio, su ventana
también y su pasión, su espejo.
Lo hablamos con Carmelita la otra
tarde. Veo esta columna antigua
y pienso que es también como ella
y ella misma el poema. Roma
se hace de poemas, como
la vida del hombre.

IGLESIAS DE ROMA. INFINITAS, recónditas. Entro en la iglesia u oratorio de San Claudio y así lo pienso. Son el verdadero refugio para el caminante. No son un peligro, son un refugio, un rato permitido a la sombra

del descanso. Llegará quizá el rezo, o el poema.

PIAZZA DI SAN SALVATORE IN CAMPO. PIAZZA di San Paolo in Regola. Por la calle de su nombre pasa una chica en bicicleta. Al lado de una casa de ocre romano asoma una iglesia. Es muy bella. Puede que quizá vivan también en ella ángeles destartalados. Pero yo no puedo entrar. Está abierta, pero hay algún tipo de ceremonia. Es la Piazza della Trinità dei Pellegrini. Secreto y precioso rincón de Roma, como también lo son las plazas que me han llevado a ella. El huerto a cultivar, o la casa en que vivir, tendría que asomarse a una bella y pequeña plaza como éstas. También esto me dice Roma.

### EL OCRE DE LA CASA DE AL LADO

es de verdad ocre, y esta casa es el Ospizio dei convalescenti e Pellegrini. El color de la iglesia -ahora me fijo, o me fijo bien-ya no es ocre, es un color más oscuro y desgarrado y que ya no se sabe lo que es. Es quizá el color de algunos sueños, y el que han de tener en sus fachadas las viviendas allí donde están ángeles destartalados.

EL TÍBER. LA BELLEZA DEL TÍBER. Los árboles. Algún campanario al fondo. Tú sabes lo que sabes en el correr de tu agua, y es la verdad de esta ciudad y el hombre, pero no has de terminar de decírnoslo jamás. Como el poema.

#### ME SIENTO EN UNO DE LOS ESCALONES DE LA FUENTE

de la Piazza di Santa Maria in Trastevere. Miro el campanario de la iglesia, pienso que su reloj está parado pero compruebo que no, da la hora que es. La hora que es siempre la del amor y los más tiernos recuerdos que me unen a mis padres, y que esta hora es así y es la que es lo vuelvo a sentir en esta plaza del Trastevere.

#### LA IGLESIA DE SANTA MARIA IN TRASTEVERE

tenía cubierta la fachada, y he pensado que quizá estaría cerrada, pero he podido entrar. Es maravillosa. También es la verdad antigua de Europa. Tiene algo de Bizancio, como Venecia, y algo de tiempo detenido y sombras sacras. Algo de España. Suenan las campanas. Tiene recuerdos en mí desde la infancia. La luz del sol ahora ilumina el Cristo del Pantocrator, y se ve que es aún más Bizancio. Es Europa. Es Roma. Luz antigua que aún la dice. Poesía, e historia, sí, pero también poesía sin historia, en el canto

primigenio en que el hombre sigue buscándose ser, y es el mismo arte, su raíz, muy propiamente, y por esto está en el principio, desde el principio y por ello también de algún modo fuera del tiempo.

# MIRAR. MIRAR. EL ARTE ES LA MIRADA. Y he de mirar más esta plaza,

no sólo escribir o tomar en ella café. He de mirar la belleza, hasta dañarme.

#### HACE UN BUEN SOL Y ESTOY SENTADO

para comer al aire en Piazza Barberini. Aquí escribo. Los planes y designios de modo misterioso cambian, como pasa en la vida al hombre y en su arte, y pienso que con este sol me puedo llegar esta tarde en una buena caminata al Vaticano, a la Plaza de San Pedro. Me sabe mal no verlo. Lamento de algún modo lo que dije -sólo de algún modo-, y sentiría no poder ir, no poder verlo. El modo en que lo lamento es que pienso que en su esplendor y magnificencia puede entenderse también como la altura y la gloria que merecen alcanzar los sencillos, y que es así como es y está allí para decirlo. Los sencillos merecen esta plaza y este arte, todo lo merecen los sencillos, y si esto pienso

pienso también que quiero ir a esta plaza, a escuchar en su esplendor y su magnificencia ese rumor de fondo que sostiene al mundo, el rumor de los sencillos.

MEMORIA DEL AGUA, FE en lo que no vemos, verdad de la poesía, conciencia de que en el inmisericorde transcurso del tiempo es el agua que nos salva. Todo esto me dice esta plaza.

## ROMA Y LA NOCHE. LA POESÍA Y LA NOCHE.

Los secretos y los misterios que guarda la noche.

También Roma en el curso del tiempo,
en su historia. En su río. El poema
es también el río que corre en la noche.

Los pasos que da, el agua en que se sucede
son los versos con que canta. No es
nunca la del poema una música falsa.

Es la música del río en la noche, del misterio de su agua.

NO ME LLEGA EL SUEÑO. EN EL DESVELO he escrito estos poemas en la noche encendidos, que son -supongo- casi místicos, o lo son del todo, pero después de este arder en la noche del poema, de este incendio, intento hundirme en los sueños, vulgarmente otra vez dormirme. Llevo ya un buen rato y veo que no lo consigo. Entonces, ahora, cansado por ello pienso que quizá podría leer algunos de los libros que traje sobre Roma. Tengo el de Julien Gracq en la mesita de noche, en la otra mesa

el del escritor catalán que vivió y aún medio vive aquí y la guía. Pienso también entonces que no los he leído ni usado para nada. Y eso que hasta los compré. Pero no sirve -lo sabemos- lo que se compra. No sirve en el fondo la cultura. El arte es una cuestión del espíritu y no de la cultura, y el hombre es arte. No me han servido los libros para orientarme y andar por Roma estos días. Me ha guiado el instinto, el corazón. Me ha guiado la poesía. Estos poemas con mis pasos estos días aquí son así también de algún modo una inusual guía de Roma. La guía de la poesía. Poesía en Roma.

ROMA. GUÍA DE ROMA. LA OCULTA GUÍA de la poesía. En Roma se dan misteriosos pasos, y es la poesía quien los guía.

ESCRIBO DE LA MAÑANA Y DE LA NOCHE.

Escribo cuando ando, cuando sueño. Escribo como respiro. Así escribo. Ante la belleza y su fulgor. Ante su violencia. Del secreto de ángeles destartalados que percibo en algunos sitios escondidos. Así escribo estos días poesía en Roma.

VOY CON LA POESÍA ENCIMA. LA POESÍA

de estos días. En el abrigo de invierno largo, en diversas libretas en los bolsillos. Porque la quiero llevar conmigo, encima, no sea que se pierda una maleta o lo que sea. Pesa. Siento su peso. Del ligero vuelo de la poesía de estos días, su canto alado.

Lo pienso mientras subo la via del Tritone. Llego a la plaza. Miro el Tritón. De él, en esta fuente sí mana agua.

La poesía como el agua se va. Aunque pese en los bolsillos, es agua y música y no tiene casi cuerpo. El cuerpo del poema vibra como una nota de música en el aire mientras se escribe y se lee. Y después se va. Pero queda, pesa de algún modo en el afecto y la memoria. La poesía dura. Resiste el paso del tiempo. Es prodigio de la poesía que viene de un agua escondida.

ADIÓS, ROMA. ADIÓS. PARA SIEMPRE. ¿O VOLVERÉ? ¿O volveré vo a ti, aunque no haya podido esta mañana echar ninguna moneda en la Fontana di Trevi? Roma, no te irás. Estarás en la poesía y en mí, me acompañarás como una música de fondo en la vida, como acompañaste así a mi padre y esto para él fuiste. Escribo en parte en su memoria también estos poemas. Digo en parte porque los escribo para todos, para nadie, como dijo Nietzsche en su libro autobiográfico que escribir quería. Y en verdad así sientes que escribes. Así he escrito estos poemas. Te has escrito también tú en ellos, Roma. Tú los has escrito para todos y para nadie y mientras a través mío los improvisaba a cada paso un ángel escondido. Vayan hasta el final del corazón de los hombres, hasta el final del tiempo, mientras corra el agua de tu río, mientras corra el Tíber suenen con él y como agua estos poemas, suenen y corran como agua viva y agua que salva, agua que brilla, agua que tiembla, agua que si a veces es oscura es para decir

de esta manera la verdad, la verdad oscura. La verdad de Roma y de la poesía. De la poesía en Roma y su sonar como agua escondida tal un río hasta el fin del tiempo y del corazón del hombre.

Del libro *Poesía en Roma*, colección de poesía El Bardo, Editorial Los Libros de la Frontera, Alhaurín el Grande (Málaga), España, 2018.

# Homenagem à Professora Emérita Ester Abreu

#### Santinho Ferreira de Souza

Professor da Ufes.

Divido com os presentes esta nota preliminar: esta história é resultado de escrita em quatro mãos. Meus agradecimentos a Mirtis Caser, a Jorge Nascimento e a Paulo Sodré, que continuam a expressar comigo a expectativa e o agradecimento pela concessão do título de Professora Emérita a Ester Abreu Vieira de Oliveira. E o que a caracteriza e institui como mulher de destaque é senão agradecimento em cada gesto que acolhe e em cada olhar de oferta, movimentos de determinação e coragem, de entusiasmo e vigor. Nesse movimento, celebra e agradece, conjugando a decisão do que está expresso como ponto de encontro entre o título honorífico de Professora Emérita e o que se revela de sua história, com começo em Muqui, aos 31 de janeiro de 1933, filha de Ataulfo Vieira de Almeida e Maria da Penha Abreu Vieira, Graduou-se em Letras Neolatinas em 1960 nesta Universidade e obteve pós-doutorado em Filologia Espanhola: Teatro Contemporâneo na UNED - Espanha - em 2003. Professora nesta universidade, com vínculo em 1965, continua a bater com o rigor da forja seu compromisso com a educação, por estar em exercício pleno e voluntário junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, por ser membro da Academia Espírito-santense de Letras, compor a Academia Feminina Espírito-Santense de Letras, fazer parte do Instituto Geográfico do Espírito Santo, da Associação Brasileira de Hispanista e da Associação Internacional de Hispanista.

Falar com e sobre Ester de Oliveira é pensar em muitos anos de dedicação às hispanidades, à literatura, à educação, é olhar e ver trajetória de capacidade de trabalho e de argúcia intelectual. Essas categorias, no entanto, não excluem a candura de quem sabe muito e possui generosidade. É também sentir da poesia fina que lhe emana, parte da erudição dissolvida na expressão popular e oferecida em qualquer parte do mundo onde esteja. No curso dessa história, Dom Quixote nos conduz:

Entre os pecados que os homens cometem, ainda que afirmam alguns que o maior de todos é a soberba, sustento eu que é a ingratidão, baseando-me no que se costuma dizer, que de mal agradecidos está o inferno cheio. Sempre procurei evitar esse pecado, tanto quanto me tem sido possível, desde que tive uso de razão, e se não posso pagar as boas obras que me fazem, com outras, ponho em seu lugar o desejo de as fazer; e quando isso não basta, publico-as, porque aquele que publica os favores que recebe, também os recompensaria com outros, se pudesse.

Conviver com Ester de Oliveira nos faz pensar também e especialmente em dois versos do poeta português José Gomes Ferreira: "Porque não nasci no mundo / que trago em mim?". O poeta pergunta, para responder com a defesa entusiasmada da consagração de uma primavera de justiça entre os homens, de que nós hoje precisamos tanto, vivendo a crescente tormenta da intolerância, do desrespeito e do cinismo. Uma possibilidade de resposta de Ester de Oliveira é o que percebemos no que faz: sua atitude terna e sua ação decidida explicam que não nascemos no mundo que trazemos em nós, porque nenhum mundo sozinho é capaz de alguma coisa que valha efetivamente a pena e a vida. Cada ideia, cada projeto, cada realização de Ester de Oliveira requerem que sejamos mais que nós mesmos, que estejamos com outros, para que o mundo revele seu sentido diverso, plural, mutante, e saibamos de todos e percebamos que um parâmetro é muito pouco para a engrenagem maravilhosamente multifacetada do universo. Num calidoscópio em que figuram tantos valores, modelos, crenças, lógicas, num leque de inteligências

e afetos em que tantos pensamentos e sentimentos procuram descortinar, prescrever, definir e separar formas diversas de se conhecer e passar pelo mundo, é necessário cuidado para não fazermos de nosso mundo próprio um arrogante e excludente paradigma.

Ester de Oliveira sempre procurou demonstrar que é preciso perceber, como professora e professor de língua e literatura e como cidadão e cidadã de um mundo tão contraditório, que diante das diversas e inumeráveis caligrafias que contornam o entendimento do mundo, não podemos nos escusar de nos orientar e sugerir às pessoas que se sensibilizem com a composição necessariamente plural de uma máquina do mundo ainda longe de ser compreendida e devidamente considerada. Esse é o desenho, e esse é o canto de Ester de Oliveira. Entre as inúmeras qualidades da homenageada, destaca-se a sua generosidade intelectual. Ester de Oliveira tem sempre uma palavra, um título, uma ideia, um texto para todos os que buscam sua orientação, e, quanto mais divide, tantas e quantas alternativas lhe surgem.

Essa disponibilidade se traduz ainda na sua participação da colega nas diferentes esferas: os eventos acadêmicos, sociais, religiosos e familiares fazem parte de seu cotidiano, o que, associado à sua fantástica memória, faz de Ester de Oliveira uma mulher que está em dia com os acontecimentos. Este momento, portanto, é de celebração, porque prestar esta homenagem a Ester Abreu Vieira de Oliveira é ação singular, e receber o título de Professora Emérita é ato de honraria. Ao Conselho Universitário e ao Reitor Professor Dr. Reinado Centoducatte nossos cumprimentos. Aos 12 de setembro de 2018.

Santinho Ferreira de Souza Maria Mirtis Caser Jorge do Nascimento Paulo Roberto Sodré

# Poemas

#### Wanda Maria Alckmin

Poetisa. Pertence à AEL.

## Hoje

Hoje, a paz está na rua, o ar está mais leve, o dia mais quieto. Deus está mais do que nunca VIVO! Saiu de casa bem cedo. e foi olhar de perto as nossas matas. Lavou o Seu rosto nas nossas águas, caminhou por nossas terras, e olhou com Misericórdia o nosso povo. Hasteou conosco a nossa bandeira, resgatou as suas cores em nossas lembranças... Deus nos deu uma Pátria nova! Cabe a cada um, de nós brasileiros, daqui para frente, seguir o Capitão. Formar com ele, o exército do Bem, e juntos reerguer a nossa nação. Avante brasileiros!

Há um novo som no ar... Escutem! É o pulsar dos milhões de corações, que se encontraram agradecidos, pela interferência Dele, em nossos destinos.

29/10/2018

#### O Botão

Com minha sensibilidade abro as portas da lembrança e descubro no tempo, o meu quarto. Eu o percebo, pela cor pelo cheiro e pela saudade do meu edredom... Onde deixei costurada uma miçanga dourada que resolvi bordar só pra marcar o dia em que sangrei pela primeira vez, deixando a alegria entrar no tempo de mocinha. Ah... e ali, bem na bainha resolvi fazer um caseado para registrar o meu primeiro beijo dado. E na parte do avesso, bem perto do lugar onde se põe o travesseiro...

Costurei um Botão.
Desta vez,
para me lembrar, que como mulher
terei uma luta maior pela frente
em todos os sentidos.
Sei disso,
desde q sou gente!
Mas o botão,
está preso ali de propósito,
para me lembrar sempre,
pois pode ser
que eu me deite...
E de repente... sonhe.

#### O Sistema

A mão tenta afundar a minha cabeça não querendo que eu me desperte para as diferentes opiniões de pessoas inteligentes que alertam o que se passa de verdade à nossa frente. A mão tenta afundar a minha cabeça não deixando que eu perceba que existem seres espalhados em todos os cantos do mundo alimentando o vício de todo o tipo, afundando. cada vez mais a muitos. no lamaçal de lodo

da baixa-alta estima. A mão tenta afundar a minha cabeca não querendo que eu perceba as ideias brotando nas mentes de pessoas de neurônios brilhantes defensoras de soluções, criadoras de projetos hábeis, de mudanças que geram saúde, de leis que nos trazem segurança, e paz, que nos confortam na velhice. A mão insiste em afundar a minha cabeça tentando me colocar diferenças de credo, cor e sexo insistindo que a humanidade não tem cura que está perdida. Ah... a mão insiste em afundar a minha cabeça querendo me convencer que amor não existe, e família. é pra quê? A mão insiste em fechar os meus olhos para as mudanças acontecendo, e para a esperança nascendo. A mão pensa que me tem presa. Mas eu escapo de suas armadilhas, abro os livros.

estudo a história,

desato os nós,

que tentaram dar ao nosso cérebro.

Escuto os cultos

observo a vida próspera

dos seres que propagam

a verdade

a lealdade

o trabalho e

a honradez.

Mergulho fundo,

e, vou à busca do ar puro

em minha essência,

onde me encontro

uníssona.

Retorno

com tudo passado a limpo,

plena de neurônios vivos

sem Alzheimer

julgamento

DPM

preconceito

bipolaridade

vaidade

ciclotimia

orgulho

aneurisma

soberba

esquizo frenia

inveja

depressão

pretenção

solidão

avareza.

Volto a ser

o pequeno ponto em movimento. Um fértil sonho, onde se inicia a abençoada realidade dos que são livres.

